



UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

ARQ

001.891

D144i

Universidade Viva

FABICO

Introdução à Prática de Pesquisa
Ana Maria Dalla Zen

FABICO

FOTOS: MARIO BITT-MONTEIRO
FABICO/ UFRGS (1998-2)

Universidade Viva

INTRODUÇÃO À PRÁTICA DA PESQUISA

Professora: Ana Maria Dalla Zen

Aquisição ARQ: D
Sugestão: DA
Doador: DA
Preço: R\$ 15,00
Data: 17.04.01

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitora:

Wvana Maria Panizzi

Vice Reitor:

Nilton Rodrigues Paim

Diretor da FABICO:

Ricardo Schneiders da Silva

Projeto Pastas

Projetado e elaborado pela Gráfica UFRGS e
implementado com o apoio da Ponto COM -
Empresa Júnior de Comunicação.

Gráfica UFRGS

Direção: Jussara S. Porto

Coordenação: Luciane Delani

Impressão: Alfredo de Freitas Lima

Marketing : Gabriela Silva

Editoração e Planejamento Visual:

Camila Rochele Renz

Simone Portella da Rosa

Nádia Rocha

Luis Carlos Rubina Thomaz

Elvis Branchini

André Pereira Silveira

Revisão: Bárbara de Castro Peña

NO. 8854

FAULDADE DE ARQUITETUR
- BIBLIOTECA -

Reg. 13216

Date 20.4.01

ARQ

05216808

001.891 D1441

[0287229] Dalla Zen, Ana Maria. Introdução à
prática da pesquisa. 1998. 62 p. : il.

Segundo a lei nº 9610/98 e o Código Penal no Artigo 184, é vedada a reprodução, por qualquer meio, desta apostila didática, sendo somente permitida com autorização do professor-autor ou da Gráfica UFRGS.

A cópia não autorizada é punível com sanções administrativas e penais.

SUMÁRIO

1 CIÊNCIA E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO.....	p.03
2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA.	p.04
3 HIPÓTESES DA PESQUISA	p.05
4 PAPEL DAS CITAÇÕES NO TRABALHO CIENTÍFICO	p.07
4.1 Princípios Básicos para a Utilização de Citações	p.07
4.2 Diferentes Formas de Citações e sua Padronização de Apresentação	p.08
5 ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS.....	p.11
5.1 Tipos de Trabalhos Científicos	p.11
5.1.1 Revisão Bibliográfica	p.11
5.1.2 Projeto de Pesquisa	p.11
5.1.3 Projeto ou Plano de Ação	p.11
5.2 Formas de Trabalhos Científicos	p.12
5.3 Estrutura de um Trabalho Científico	p.13
5.4 Elementos Integrantes do Relatório	p.14
5.5 Apresentação Gráfica	p.15
6 ESCOLHA DO QUADRO REFERENCIAL: POSITIVISMO, ESTRUTURALISMO, FUNCIONALISMO, DIALÉTICA E FENOMENOLOGIA	p.16
6.1 O Positivismo	p.16
6.2 O Estruturalismo	p.16
6.3 O Funcionalismo (ou Sistemismo)	p.16
6.4 A Dialética	p.16
6.5 A Fenomenologia	p.17
7 ABORDAGENS QUANTITATIVAS DE PESQUISA: ESTUDOS DESCRITIVOS E EXPERIMENTAIS.	p.19
7.1 O Fluxograma da Pesquisa Descritiva e Experimental	p.19
7.2 O Relatório da Pesquisa Descritiva e Experimental	p.24
7.3 A Escolha do Tipo e Tamanho da Amostra	p.28
7.3.1 Amostragem Probabilística	p.28
7.3.2 Amostragem Não-Probabilística	p.30
7.4 Técnicas de Coleta de Dados	p.30
8 ABORDAGENS QUALITATIVAS DE PESQUISA: A PESQUISA ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO.....	p.39
8.1 A Pesquisa Etnográfica	p.39
8.1.1 As Etapas de Realização de Pesquisas Etnográficas	p.40
8.1.2 O Papel do Observador na Pesquisa Etnográfica	p.41
8.2 O Estudo de Caso	p.41
8.3 A Análise de Dados, Objetividade e Validade das Abordagens Qualitativas	p.42
ANEXOS	p.45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.59

1 CIÊNCIA E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A ciência se caracteriza como o resultado de permanentes revoluções, onde o conhecimento estabelecido é substituído por outro, sempre que os paradigmas são destruídos. Dentro das reformas radicais que sofre a ciência hoje, KOCHÉ (1982, p.12) destaca "...que as explicações científicas não são um simples produto de observações empíricas, mas projeções do espírito humano, de sua imaginação criativa."

Tais projeções são muito influenciadas pela **cultura e ideologia** do pesquisador, o que, se conclui, indica não haver uma objetividade pura, ou neutralidade científica, já que o conhecimento é vinculado à subjetividade humana.

O progresso científico não ocorre pelo acúmulo de teorias, mas pela constante revolução da ciência, com a queda de teorias que rivalizam entre si. Há uma permanente revolução na ciência, provocada pela polêmica em torno de tais teorias.

A atitude científica, por seu lado, não consiste em comprovar teorias, mas sim localizar os seus erros, através da crítica.

A ciência não parte de observações de fatos, mas da **problematização teórica** da realidade. O método científico, por sua vez, não é prescritivo, mas crítico.

Não há uma só abordagem de fazer ciência, nem um só método de investigação: "A verdade não é equivalência estática, mas uma aproximação produzida por uma busca constante (Koché, 1982, p.12).

As ciências, quanto ao seu objeto, dividem-se em ciências naturais e ciências humanas, que têm uma propriedade comum: o conhecimento origina-se nos **fatos reais**, sejam da natureza, do homem, da sociedade, da mente, etc.

A Matemática e a Lógica, porém, são exceções, trabalhando com a forma de conhecimento, e não sobre o conteúdo deste.

A partir delas, a ciência se divide em dois grandes grupos: as ciências formais ou abstratas (Matemática e Lógica) e as empíricas (naturais e humanas):

Quanto ao conhecimento, o homem comum conhece de maneira diferente do cientista. O que os torna diferentes não são os fatos ou as pessoas que estudam. A eletricidade, o calor, os fatos sociais, os organismos biológicos, interessam tanto aos cientistas como ao homem comum. As características que definem a fronteira entre os dois estão relacionadas com a maneira de conhecer ou de justificar o conhecimento. O traço que marca a diferença entre o cientista e o não cientista é o processo de obtenção, justificação e transmissão do conhecimento:

- a) **o conhecimento científico é crítico:** enquanto o conhecimento comum procura explicações superficiais, o científico procura bases sólidas, justificações claras e exatas;
- b) **o conhecimento científico é organizado:** o cientista tenta construir sistemas de conhecimento, embora nem sempre tenha sucesso. Enquanto o senso comum é integrado de conhecimentos "avulsos", o cientista organiza seu conhecimento num conjunto onde os elementos estejam relacionados de maneira ordenada;
- c) **o conhecimento científico é prognosticador:** baseado em princípios ou leis, o cientista pode predizer até mesmo com certeza de que maneira acontecerão certos fatos futuros. Também o homem comum faz suas predições, só que justificadas por analogias do senso comum. O cientista tem argumentos para afirmar que certos fatos ocorrerão;
- d) **o conhecimento científico é geral:** interpreta conjunto de fatos ou situações, não só casos isolados;
- e) **o conhecimento científico é metódico:** para obtê-lo, devem ser respeitados alguns padrões de pesquisa, não a partir de um único método, mas também condições diversas, inclusive psicológicas, sociais e históricas, que evidenciam, cada vez mais, a impossibilidade da exigência de neutralidade científica. O método científico não deve ser prescritivo, mas crítico. Não há uma só abordagem de fazer ciência, nem um só método de investigação.

A partir daí, o modo próprio que a ciência tem para obter conhecimento da realidade empírica é a **pesquisa**. E, entre as diversas formas de fazê-la, algumas tem por objetivo obter informações do que existe, descrevendo e interpretando a realidade. Outras, criam condições para interferir no aparecimento ou modificação de fatos, a fim de explicar o que ocorre quando dois ou mais fenômenos são relacionados.

Ambas as linhas, porém, pretendem obter o conhecimento científico em suas propriedades particulares.

2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

O primeiro passo para a realização de uma pesquisa constitui-se na seleção provisória de um problema. O processo se inicia no fichário, em apontamentos sobre leituras e/ou trabalhos mais minuciosos onde o pesquisador se situa e define onde quer chegar, incluído aí o contato com especialistas para discussão do tema de interesse e, dentro dele, a formulação do problema.

O que é um problema de pesquisa? É um questionamento que o pesquisador se faz a partir de uma idéia sobre a pesquisa que pretende executar. Deve examinar se essa idéia pode ser transformada em problema formulável através de um método simples, que é o de redigí-lo na forma de pergunta, onde estejam claramente explicitados os seguintes itens:

- 1 - O problema como tal pode ser formulado por escrito; pode ser transformado em uma pergunta?
- 2 - Quais os interesses que o determinaram: sociais? científicos? conteúdo? metodológicos?
- 3 - Tais interesses se harmonizam entre si?
- 4 - O problema é relevante, pressupondo-se que a sua solução vá contribuir para ampliação do conhecimento científico na área?
- 5 - O problema relaciona no mínimo dois fenômenos sociais entre si?
- 6 - O problema é adequado a uma investigação sistemática, controlada e crítica?
- 7 - O problema pode ser verificado empiricamente?
- 8 - Todas as possibilidades de debate e levantamento foram aproveitadas?
- 9 - Existe base teórica (bibliografia) suficiente para dar início ao estudo?

Para SCHRADER (1974), o problema estará formulado provisoriamente assim que as questões acima obtiverem respostas positivas. Segundo elas, deve-se evitar a realização de uma pesquisa em torno de um problema em que não forem identificados inicialmente os interesses sociais e científicos do mesmo. Enfatiza ainda que, independente do interesse da ciência no problema, sob todos os aspectos a questão a ser investigada deverá ser uma questão científica. Isso já é atingido quando o problema é formulado como pergunta, já que, segundo o autor, cada pergunta possui elementos teóricos, ou seja, conjecturas expressas ou tácitas sobre relações ou expectativas a respeito da natureza de um objeto: o importante é que o conteúdo teórico se torne evidente no decorrer da formulação.

Segundo KERLINGER (1965, p.24): “Uma pergunta é científica quando descreve a relação de pelo menos dois fenômenos entre si, adequando-se igualmente a uma investigação sistemática, controlada, empírica e crítica. Assim, perguntas retóricas, especulativas e afirmativas não são perguntas científicas; só no decorrer do trabalho que se poderá, de fato, saber se a pergunta é ou não científica.”

Embora a escolha do problema possa ser determinado por outras considerações, além das científicas, a sua formulação deverá ser influenciada fundamentalmente pelo processo científico. No entanto, não existe uma regra infalível para orientar o pesquisador na formulação de questões significativas em determinada área de pesquisa. Porém é possível enumerar algumas condições que levam à formulação de problemas significativos: contato sistemático e direto com a área de estudo; análise da literatura existente; discussão com pessoas que tenham experiência no campo de estudo; consulta a pesquisas já realizadas, etc.

A formulação de um problema de pesquisa exige que sejam observados os seguintes itens:

- 1 - O problema que exige solução precisa ser percebido na área circunscrita pelo tópico escolhido.
- 2 - A tarefa de pesquisa precisa ser reduzida a um tamanho viável ou dividida em subtarefas, cada uma das quais possa ser realizada em um estudo específico.

Além disso, se houver conhecimento significativo referente ao problema, a formulação já conterá, dentro de si mesma, hipóteses, orientação para coleta e análise de dados, bem como os meios para relacionar

o estudo a outras pesquisas ou a uma teoria. Existam ou não hipóteses estabelecidas nessa etapa, o estudo exigirá a definição dos conceitos que serão utilizados na organização dos dados. Tais definições incluem aspectos formais, destinados a apresentar a natureza geral do fenômeno que interessa à pesquisa, bem como a sua relação com outros estudos e com a teoria existente. Inclui também definições operacionais, que permitem a coleta de dados a partir da limitação dos conceitos ao sentido restrito que lhes será dado na investigação.

E, finalmente, ao se formular o problema de pesquisa, as etapas subsequentes precisam ser previstas, a fim de se ter a certeza de que o mesmo poderá ser estudado a partir das técnicas e recursos existentes. Assim, a formulação do problema deve levar em conta a acessibilidade às fontes de consulta, o tempo e demais recursos necessários, que permitam, de antemão, identificar o grau de possibilidade de executar o trabalho. Caso contrário, o trabalho não deve ser iniciado, sob pena de não poder ser concluído.

3 HIPÓTESES DE PESQUISA

Para orientar a coleta de dados que levam à solução de problemas de pesquisa, são lançadas hipóteses, que se constituem em supostas respostas que o pesquisador lança ao problema: são suposições que antecipam a comprovação da realidade (proposições). De acordo com FERRARI (1982), são formas de pressuposição que antecedem à constatação dos fatos, ou formulações provisórias do que se procura conhecer.

A hipótese é uma proposição nominal cuja estrutura constitui-se de pelo menos dois elementos, ou sejam, duas variáveis, uma das quais faz o papel de “unidade” ou elemento básico (pessoa, automóvel, usuário, etc.) e a outra é “atributiva”, isto é, atribui valor à unidade (idoso, subdesenvolvido, satisfação de interesses, etc.).

A função de uma hipótese é **orientar** a busca de ordenação entre os fatos. As sugestões formuladas numa hipótese **podem ser** a solução do problema; **verificar se elas o são de fato é tarefa da pesquisa**. Não é necessário que as sugestões conduzam ao objetivo; até mesmo algumas podem ser incompatíveis entre si, de forma que nem todas possam dar a solução para o mesmo problema (SELTIZ et alii, 1975).

Uma hipótese pode afirmar que **algo ocorre** em determinado caso; que um objeto, pessoa, situação ou acontecimento específico tem **certa característica**. Pode também referir-se à **frequência** de acontecimentos, ou à **ligação entre variáveis**. Pode afirmar que algo ocorre em **determinada proporção de tempo**, ou que algo tende a ser **acompanhado por alguma coisa**, ou que algo é geralmente **maior** ou **menor** do que alguma outra coisa.

Outras hipóteses afirmam que um acontecimento ou característica é um dos fatores que determinam outra característica ou acontecimento. Por exemplo: as experiências da primeira infância são importantes determinantes da personalidade adulta (= hipótese causal). Em síntese, as hipóteses servem para estabelecer a relação entre objetos ou entre dois valores de características desse mesmo objeto; refere-se a uma multiplicidade de tais relações.

A hipótese pode, segundo SCHRADER (1974) estabelecer os seguintes tipos de relações:

1 - Estímulo X reação

Ex.: Atitudes autoritárias do bibliotecário provocam o afastamento do usuário da biblioteca.

2 - Inclinação X reação

Ex.: Opiniões reacionárias do bibliotecário causam punições humilhantes em crianças.

3 - Propriedade X inclinação

Ex.: Relações públicas de sexo masculino assumem posição de chefia mais seguidamente do que relações públicas do sexo feminino.

4 - Pré-requisito indispensável X efeito

Ex.: A Biblioteconomia só pode desenvolver-se como ciência porque houve alteração na mentalidade dos cientistas em relação a ela.

5 - Relações imanescentes

Ex.: Bibliotecários formados há mais de dez anos dificilmente se interessam por pesquisa em Biblioteconomia.

Concluindo, pode-se sintetizar que a função da hipótese é servir como um guia para o tipo de dados que se precisa coletar para se chegar à solução do problema, bem como é útil para indicar a maneira de organizar os dados para sua análise.

As hipóteses podem ser originadas de várias fontes; uma hipótese pode basear-se apenas num palpite, em resultados de outros estudos, na expectativa de que relações semelhantes ocorram entre duas ou mais variáveis no novo estudo. Pode também decorrer de uma teoria, por um processo de dedução lógica, que conduza à predição de que, sob determinadas condições, decorrem determinados resultados.

A pesquisa pode lançar hipóteses a partir do senso comum, isto é, palpites, experiência, etc., mas é importante que o pesquisador tenha em mente que não se trata do estabelecimento de uma relação comum, mas sim experiências primárias científicas com que ele faz previsões sobre os resultados do projeto de investigação. Para ele, está apto o pesquisador que sistematiza as suas observações e experiências pessoais, referindo-as a afirmações feitas por sociólogos e outros cientistas sobre os mesmo fenômenos. Caso o problema de pesquisa tiver sido formulado em forma interrogativa, deve-se apenas procurar uma formulação lingüística em que, ao final, se encontre analogamente um ponto de interrogação.

As hipóteses lançadas por um simples palpite, mesmo que comprovadas num só estudo, são menos relevantes de modo a que tendem a não se relacionar com uma teoria. Por isso os estudos baseados nesse tipo de hipóteses são os menos científicos.

Uma hipótese decorrente de estudos anteriores (resultados) é mais ampla. Baseando-se em outras pesquisas e, se o estudo atual a confirmar, os resultados auxiliarão a demonstrar que a relação se repete regularmente.

Uma hipótese decorrente não só de resultados de estudos anteriores, mas também de teorias, está mais livre de limitações. Se a ligação entre os dados da pesquisa e a teoria for satisfatoriamente estabelecida dessa maneira, e se os resultados do estudo confirmarem a previsão, os pesquisadores terão feito uma dupla contribuição. De um lado, os resultados da pesquisa ajudam a confirmar a teoria geral, ao demonstrarem que é válida nessa situação, bem como em outra em que já foi aplicada.

O fato de a natureza da relação prevista poder ou não ser apresentada explicitamente, isto é, se podem ou não ser apresentadas como hipóteses no estágio da formulação de uma pesquisa, depende, em grande parte, da situação do conhecimento na área a ser pesquisada. A pesquisa científica pode começar com hipóteses bem formuladas, pode formular hipóteses como o produto final da pesquisa. A formulação e a verificação de hipóteses constituem um objetivo da pesquisa científica.

Em muitas áreas das relações sociais não existem hipóteses significativas. Por isso, é necessário fazer muitas pesquisas exploratórias antes de ser possível formular hipóteses. O trabalho exploratório é uma etapa inevitável do processo científico.

Não é mais ou menos científico um estudo que comece com hipóteses ou aqueles que terminam com hipóteses. O tempo para a formulação de hipóteses varia com a natureza do problema e a amplitude de conhecimentos anteriores a respeito, onde a formulação e reformulação do problema de pesquisa é um processo contínuo.

Exemplos de hipóteses:

H_1 - A frequência é maior em bibliotecas em que o bibliotecário dá mais importância ao atendimento ao usuário do que em bibliotecas onde o bibliotecário dá mais importância a serviços técnicos.

H_2 - Existe relação entre a qualidade do acervo das bibliotecas especializadas e o grau da produção intelectual dos cientistas da região.

H_3 - O nível de atualização do acervo interfere no grau de atualização cultural do usuário.

H_4 - A procura pela Biblioteca Pública é maior entre alunos universitários do que entre alunos de escolas de 2º Grau.

H_5 - A situação sócio-econômica do leitor influi nos seus hábitos e preferências de leitura.

Assim, as hipóteses podem ser identificadas como uma estratégia de orientação da pesquisa. A partir delas, fica bem melhor delineado o caminho a seguir, excluídas análises de outros pontos que poderiam não conduzir à solução do problema.

4 O PAPEL DAS CITAÇÕES NO TRABALHO CIENTÍFICO

Um dos aspectos que caracteriza o trabalho científico deve ser a sua integração com o conhecimento já existente na área em que se situam o tema e o problema a ser investigado. É o que se denomina "Revisão de Literatura" ou "Referencial Teórico", etapa posterior à introdução e anterior à conclusão do trabalho.

Todavia, na prática, o que se vê, em muitos casos, especialmente entre os pesquisadores/iniciantes, é a utilização mal feita de citações. Há casos em que o autor nada mais faz do que um resumo de conteúdos que tenha lido, ligados, na forma de "colcha de retalhos", ao seu próprio trabalho. Sem dizer nada de novo, essa reunião de dados, muitas vezes caótica, não leva a nada, sem contribuir para o avanço científico. Exagero de citações não significa que o pesquisador seja competente; no máximo, demonstra que ele leu sobre o assunto, condição necessária mas não suficiente para a produção de um trabalho científico.

O inverso, também comum, é errado: considerando que sabe muito sobre o assunto, não faz qualquer menção ao conhecimento pré-existente na área do problema. É outra forma de descredenciamento do autor como pesquisador, uma vez que o produto não é um artigo científico. No máximo, se constitui num trabalho literário, notícia, ou qualquer outro, jamais científico, por lhe faltar a base, ou seja, integração com o processo de evolução da área de conhecimento em que se situa o problema.

Uma terceira situação que ocorre é a apropriação indevida de elementos teóricos, ou plágio. Isso se dá quando o pesquisador, sem citar a fonte, utiliza considerações que não são próprias, mas de outra pessoa, ignorando esse aspecto, seja propositadamente, seja por desconhecimento. Nessa linha, ele estará incorrendo na possibilidade de ser criticado, ou até mesmo processado, por roubo de autoria.

Diante disso, este trabalho procurará caracterizar os principais aspectos relacionados ao problema, com o objetivo de evitar que se repitam tais desvios metodológicos.

4.1 Princípios Básicos para a Utilização de Citações

Como já foi indicado, o uso de citações baseia-se na integração do conhecimento já produzido, como forma de conduzir à solução do problema. Diante disso, alguns princípios devem ser seguidos, a fim de que as citações sejam bem feitas e metodologicamente corretas. Ao tratar do assunto, MATOS (1985, p.2043) estabelece os seguintes itens, que, por sua pertinência, são a seguir transcritos:

"1 Cite com um propósito bem claro, definido, relevante. Faça uma citação para relacionar um pensamento alheio, relevante às suas próprias idéias. Cite para transmitir uma idéia memorável ou notável por seu alcance. Recorra a uma citação quando tiver que documentar assertivas de especialistas, em pesquisas bibliográficas, por exemplo."

Com isso, o autor deixa claro que citar significa dar ênfase a algo importante, digno de ser repetido ou reutilizado, exatamente por ser um elo de encadeamento entre o que já foi e o que está sendo dito a respeito de algo.

Citar significa divulgar o autor original. Mas só é válido divulgar o que for relevante. Copiar o irrelevante é credenciar indevidamente alguém, referendando-o como importante no meio científico, quando não o é.

Prosseguindo, o autor refere-se à proporção que representa o tamanho das citações no corpo do trabalho:

"2 Seja parcimonioso (como cientista) e breve como citador. Você abusa de citações? Ultrapassam 5% de seu texto? Verifique a proporção de citações (quer "ipsis verbis", quer parafraçadas) em seus escritos. Não cite demais: a formulação do texto deve ser sua e não de outros pensadores." (MATOS, 1985, p.2043).

Dessa maneira evita-se fazer o que, na introdução deste texto, foi denominado de "colcha de retalhos". Citar por citar, exagerando na quantidade de referências, pode, na prática, significar uma camuflagem da insegurança e incompetência de quem está escrevendo. Para este, pode parecer que, ao referir-se a outros autores, esteja mostrando o quanto sabe. Mas, na realidade, ao se ler um trabalho que abusa de citações, o que se constata é exatamente o contrário, ou seja, que o autor (o que cita) pouco sabe sobre o que escreveu.

Outro aspecto a ser observado, segundo o autor, é o valor atribuído às citações:

“3 Atribua às suas citações um valor razoável. Lembre-se de que uma citação é primordialmente uma ilustração e não uma evidência ou prova. Não é a extensão, a profundidade ou a ênfase de sua citação que irá convencer o leitor. Cite uma “autoridade” para dar confiabilidade adicional a seu argumento, mas é o que você diz e não o pensamento alheio que irá persuadir o leitor.” (MATOS, 1985, p.2043).

Logo, o que importa não é o número de citações, mas a relevância e profundidade do que o citador (e não o citado) tem a dizer. Se alguém quiser conhecer o pensamento do autor X, lê a obra deste; não precisa do autor Y, que nada fez a não ser citar o autor X. Mas, é exatamente pelo exagero de citações e mais citações, sem nada mais a dizer, que as bibliotecas estão cheias de artigos e mais artigos repetindo o já dito, o já feito, sem nada a acrescentar.

Finalizando, o autor refere-se a um aspecto que é essencial a uma citação bem feita, que é a sua integração com o texto onde está sendo inserido:

“4 Faça citações integradas. Se você optar por citar, integre, sempre que possível, a citação em seu próprio texto. Produza uma **fusão ideativa**, como se as idéias do autor e as suas objetivassem o mesmo “efeito” (. . .) Para isso, releia atentamente o fragmento a citar e descubra a maneira mais eficaz de integrá-lo harmoniosamente à sua criação textual.” (MATOS, 1985, p.2043).

Ao integrar as citações, o autor demonstra que tem a capacidade de relacionar idéias, de integrar o conhecimento num processo contínuo e seletivo. É, em síntese, a estratégia que credencia o novo autor como um pesquisador.

Portanto, ao fazer citações, o autor deve, em síntese, ater-se à citação com objetivos bem definidos, não abusar indevidamente de citações para “esconder-se” atrás delas, atribuir-lhes um valor relativo dentro do novo texto e, finalmente, integrá-las devidamente dentro do corpo do trabalho, numa recriação dos elementos citados.

4.2 Diferentes Formas de Citações e sua Padronização de Apresentação

As citações podem ser diretas ou indiretas; quem decide sobre a adequação de um ou outro tipo é o próprio pesquisador. Dependendo da situação, tanto uma quanto outra podem ser igualmente apropriadas. Todavia, quanto mais força se quiser dar à argumentação, mais eficaz se torna a citação direta, também denominada de formal ou textual. Quando se optar pela citação indireta, deve-se ter o cuidado de traduzir corretamente as idéias do autor citado, sob pena de, sendo infiel, criar uma releitura inadequada do pensamento do mesmo autor.

Há dois tipos de citações diretas, quanto ao tamanho: as breves (com até três linhas) e as longas (com quatro ou mais linhas).

No primeiro caso, elas são incluídas no texto, entre aspas duplas e precedidas por dois pontos quando iniciadas com frase completa. Quando se tratar de citação de parte de uma frase, com supressão de texto no início da mesma, esta deve ser indicada por elipse (. . .). Nos dois casos é imprescindível a indicação da fonte exata da citação, utilizando-se para tanto um sistema de chamada. A pontuação original do texto deve ser respeitada.

As citações longas são colocadas no texto em destaque (aspas e/ou negrito), separadas do texto que as antecede e sucede por espaçamento duplo e com margem de parágrafo especial. O espaço interlinear deve ser menor do que o usado no texto, recomendando-se o espaço um (1). As citações longas podem conter supressões em seu início, meio ou final, todas indicadas por elipses. Os dois pontos precedem as citações longas que são iniciadas por frase completa.

Quanto às citações indiretas, só tem como destaque a referência à fonte, sem a página, feitas na forma de paráfrases do pesquisador às idéias expressas pelo autor citado.

Outro aspecto a salientar é que, sempre que possível, o pesquisador deve recorrer à fonte original, em vez de utilizar citações de citações. Mas, quando a obra original é de difícil acesso, então pode-se utilizar um autor citado por outro autor, mediante a colocação de “apud” para identificar esse vínculo. Neste caso, a indicação da obra original e da obra onde foi citada deve ser feita, obrigatoriamente, ao pé da página do novo texto. Esta será a única oportunidade de informar ao leitor sobre os dados de identificação do autor original citado. Da bibliografia consultada/citada constará somente o autor lido pelo autor do trabalho.

Para as chamadas das citações são usados, principalmente, dois sistemas: o alfabético e o alfabético-numérico.

O primeiro sistema utiliza o sobrenome do autor, a data de publicação do documento e a página exata de onde foi colhida a citação. Estes três elementos podem ser colocados tanto na frase que antecede a citação (entre parênteses ou não) quanto imediatamente após a mesma. O sistema alfabético-numérico pressupõe a ordenação da bibliografia final e sua enumeração. Os números correspondentes são utilizados logo após o nome do autor citado ou em seguida da citação. O número da página exata completa a informação. Recomenda-se o uso de colchetes ou parênteses para encapsular estas informações, evitando-se, assim, confusões com números do texto.

Para esclarecer um pouco mais, observem-se os exemplos a seguir:

Citação Breve: De acordo com LIMA (1980, p.21), pode-se caracterizar que: “. . . o sentido dado ao conceito de hipótese é único, evidenciando um elemento de uso comum entre a comunidade científica.” Sendo utilizado o sistema alfabético-numérico:

De acordo com LIMA (10, p.21), pode-se caracterizar que: “. . . o sentido (. . .) comunidade científica.”

Citação Longa: Observar as citações constantes da Seção 2 deste texto, quando foi utilizado o sistema de chamada alfabético. Caso fosse utilizado o sistema alfabético-numérico, o número da referência bibliográfica da obra seria utilizado acompanhado pelo número da página.

Citação de Citação: A partir da análise dos elementos apresentados por FREIRE*, apud FERREIRA (1986, p.245): “Podem ser caracterizados dois tipos de citações a respeito da estrutura e funcionamento a das bibliotecas medievais.” Logo, para o autor, é indevida a consideração que todas as instituições denominadas bibliotecas, naquela época, sejam analisadas sob um único prisma de observação.

Citação Indireta: Conforme ARAUJO (1980), podem ser encontrados dois tipos de bibliotecas populares, um identificado com a instituição mantenedora e outro com a comunidade onde estão inseridas. Deste modo, o autor demonstra que, para cada uma, podem ser adotados objetivos e estratégias de ação específicas. Concluindo, saliente-se a importância de que, na integração de citações diretas ou textuais ao novo texto, sejam utilizadas palavras que sirvam de elo de ligação, como, por exemplo:

Segundo FULANO (ano, p.): “

Afirma FULANO (ano, p.): “

Conforme FULANO (ano, p.): “

De acordo com FULANO (ano, p.): “

A esse respeito, observa-se o que FULANO (ano, p.) diz:”

Na opinião de FULANO (ano, p.): “

Através dessas expressões, pode-se encadear a citação ao texto, de modo a facilitar a sua compreensão pelo leitor e demonstrar que ela não está “voando” dentro do artigo, mas que faz parte dela.

No caso de citações em língua estrangeira, elas devem ser traduzidas no texto e, em nota de rodapé, ser incluído o texto original, para maior segurança.

E, finalmente, outro aspecto a salientar é que não têm lógica citações com autoria indefinida.

Por exemplo:

ERRADO Pesquisas recentes revelam que o estudo de usuários é uma das áreas . . .

CORRETO Pesquisas recentes (ARAUJO, 1980; FREIRE, 1983; GONZAGA, 1987 et alii) revelam que o estudo de usuários é uma das áreas . . .

ERRADO Alguns autores insistem em afirmar que . . .

CORRETO Alguns autores (ARAUJO, 1980; FREIRE, 1983; GUSMÃO, 1987 et alii) insistem em afirmar que . . .

O único caso em que tal procedimento é correto é quando se trata de citação de textos célebres, citações ou autores universalmente conhecidos, como, por exemplo, citar elementos ditos por Sócrates, Aristóteles, Platão, etc.

Diante do exposto, conclui-se que as formas de citação e a sua recuperação devem voltar-se diretamente tanto à integração no texto, quanto à mais completa identificação das fontes citadas, fornecendo ao leitor o maior grau de localização possível.

O uso de citações no trabalho científico, portanto, é feito a partir de alguns princípios básicos que, se não forem seguidos, chegam a comprometer a produção do autor, tanto citador, quanto citado. No que se refere ao autor que está citando, se ele não sabe utilizar corretamente as citações, demonstra que não tem competência como pesquisador, ou seja, falta-lhe uma das credenciais básicas de metodologia da pesquisa, que é exatamente saber fazer o encadeamento racional, seletivo e organizado entre o conhecimento pré-existente e as novas idéias que ele próprio produz. Se a citação for mal feita, por outro lado, prejudica o autor citado, em dois casos: citação indireta infiel, representa deturpação das idéias originais do autor citado, desviando o leitor da verdade; citação direta mal apresentada ou mal encadeada no texto, pode significar uma exaltação exagerada ao autor citado, a sua utilização com argumentação errada para o novo texto, uma desarticulação entre as idéias do autor citado e as do que está citando, ou, até mesmo, a introdução de elementos estranhos, que apenas "voam" dentro do novo texto. A aplicação correta de elementos de outros autores é imprescindível, fazendo parte da estrutura de todo e qualquer trabalho científico, independente do enfoque.

A redação de artigos científicos onde não haja uma integração entre autores que se preocuparam em analisar, discutir, interpretar e relatar elementos básicos para a solução do problema básico do texto em elaboração, pode demonstrar que o autor pode saber até redigir, mas não o credencia como um autor científico, ou seja, um pesquisador.

Concluindo, é muito importante, deste modo, que, já nos cursos de graduação, os alunos sejam provocados a redigir trabalhos científicos onde, através do uso de citações, possam demonstrar a capacidade de análise e crítica, inerentes ao mundo das idéias científicas.

* FREIRE, Luiz Roberto. Estrutura e Funcionamento da Biblioteca na Idade Média. São Paulo, Paz e Terra, 1986. p.148. apud FERREIRA, 1986, p.245.

5 ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

O trabalho científico é o produto de uma pesquisa, ou seja, do conjunto de atividades realizadas na procura de uma resposta a uma indagação sobre a realidade, ou seja, conhecimento.

A pesquisa científica se diferencia das demais pesquisas pelo **método técnico** que se dirige ao conhecimento da **realidade**. Realidade, nessa perspectiva, é, segundo RUDIO (1978, p.9), “. . . tudo aquilo que existe, opondo-se ao que é mera probabilidade, imaginação ou idealização.” **Empírico** refere-se à **experiência**, ou seja, “. . . é o conhecimento transmitido pelos sentidos e pela consciência.”

A realidade empírica é obtida através dos fatos. Quanto ao seu significado, ou seja, o de ser qualquer coisa que existe na realidade, há diferentes prismas do que é um fato: um **livro** é um fato, e o **leitor** que o lê é um fato, bem como as **palavras** escritas o são, mas as idéias contidas não o são, pois não existem na realidade. Quando o leitor, vendo as palavras, age mentalmente, para transformá-las em idéias, a **elaboração** mental tornou-se um fato. Enquanto o livro, o leitor e as palavras são fatos percebidos pela experiência externa, a elaboração mental, pela qual as palavras se transformam em idéias, é um fato que pode ser percebido pela experiência interior (RUDIO, 1978).

Entre os aspectos que identificam um trabalho científico citam-se a forma como é apresentado, a sua estrutura interna, a linguagem empregada, a padronização, entre outros. Tratam-se de indicadores que, somados à qualidade e tratamento dado ao conteúdo, evidenciam a competência do seu autor.

Embora ressaltando-se que o conteúdo é muito mais importante do que a forma, o rigor com que é apresentado o trabalho, ou seja, a forma de comunicá-lo é inerente e, se não suficiente, necessário para a sua conotação como produto científico.

Portanto, o respeito a algumas diretrizes é condição essencial para que se consiga integrar o trabalho no fluxo da comunicação científica.

Nesse sentido, a seguir serão detalhados os principais itens referentes a: tipos de trabalhos, estrutura, redação e apresentação gráfica do relatório.

5.1 Tipos de Trabalhos Científicos

O que direciona a definição do tipo de trabalho a ser produzido é o **problema** da pesquisa, incluindo os objetivos e finalidades a ele relacionados, a saber:

5.1.1 Revisão Bibliográfica

Se a pergunta puder ser respondida através de um **estudo teórico** profundo, opta-se pela elaboração de uma revisão bibliográfica, cujo produto, na forma de relatório, pode ser uma monografia, ou artigo científico.

5.1.2 Projeto de Pesquisa

Se a questão só terá resposta a partir da coleta de dados empíricos, baseados na manifestação verbal, oral ou escrita de indivíduos, opta-se pelo planejamento de um projeto de pesquisa, que, no relatório, poderá, de acordo com a profundidade e finalidades, ser desenvolvido como monografia, dissertação ou tese, que serão caracterizados no item a seguir.

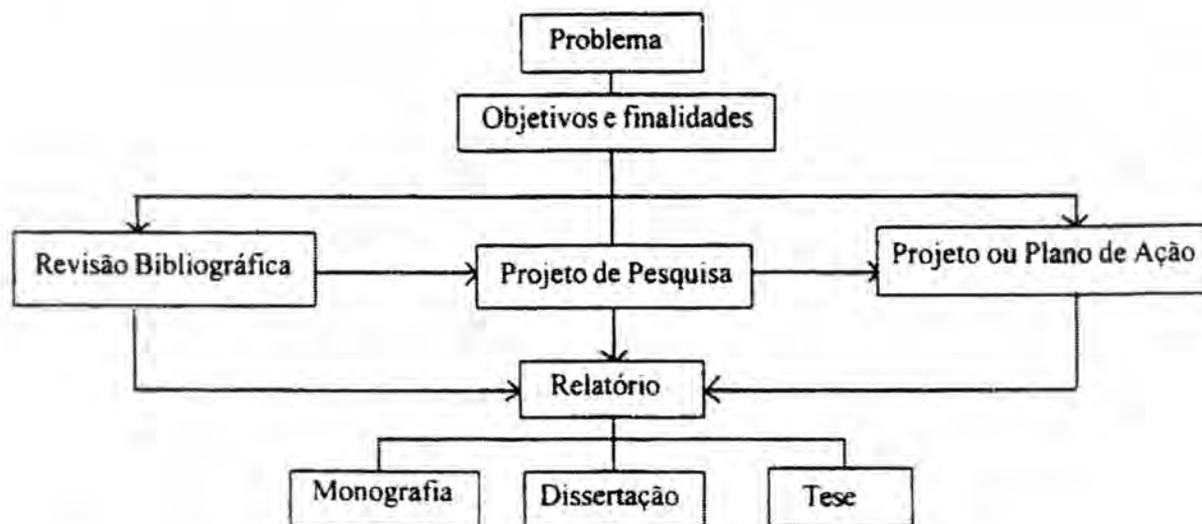
5.1.3 Projeto ou Plano de Ação

Há questões cuja solução depende da criação ou implantação de um novo serviço, setor ou atividade. Trata-se este do projeto ou plano de ação, que é a base do trabalho da área de Administração.

Relacionando os três, sintetiza-se os seguintes itens: - não são excludentes entre si, mas se integram, um sendo a base dos demais. A revisão bibliográfica é o primeiro passo dos três, enquanto a realização de pesquisas empíricas (que incluem um capítulo específico de revisão bibliográfica) é o caminho mais seguro para orientar a montagem de um projeto ou plano de ação.

Exemplo: a proposta de criação de uma rádio comunitária em determinado grupo se concretiza através da montagem de um projeto, a ser submetido às autoridades especialistas competentes. De início, é feita uma revisão bibliográfica sobre rádios comunitárias e estudo de comunidades. Após, é realizada uma pesquisa para obter a informação acerca do interesse dos usuários na implantação da rádio. Analisados e obtidos pontos favoráveis, passa-se, finalmente, para a elaboração do projeto de ação. Este, por sua vez, deverá ser avaliado sistematicamente, assim que for ao ar a emissora. Para isso, retoma-se a necessidade de realização de uma pesquisa que indique a opinião da comunidade que ouve os programas oferecidos.

Graficamente, pode-se integrar os três da seguinte forma:



Na área da Administração, o projeto ou plano de ação relaciona-se com um programa, que se constitui do conjunto de planos com o mesmo objetivo (Ex.: Programa Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). No processo de detalhamento e apresentação de projetos de ação, os diferentes componentes que configuram a ação a ser empreendida devem guardar coerência entre si, incluindo:

- a) a justificativa, que coloca o projeto no quadro da problemática da biblioteca como estratégia de ação e dinamização cultural sobre a área em que se pretende agir;
- b) os objetivos devem guardar relação com a justificativa, estabelecendo os fins desejados;
- c) as metas limitam o universo dos objetivos, determinando os resultados a serem atingidos e fixados no tempo, espaço e quantitativamente;
- d) as especificações ligam-se às metas, definindo o que se pretende alcançar em termos de extensão;
- e) as fases, mecanismos e normas, previsão de recursos financeiros, e o cronograma, compreendem a sistemática operacional necessária à execução das metas fixadas;
- f) a avaliação e controle dizem respeito ao desempenho da ação empreendida e seus resultados.

O projeto (Anexo B) deve ser estruturado de modo a se obter um conjunto de informações que orientem a sua análise e execução, possibilitando de forma global o acompanhamento, avaliação e controle das ações empreendidas e o alcance de seus resultados.

5.2 Formas de Trabalhos Científicos

Entre as formas mais comuns de trabalhos científicos, citam-se as **monografias**, **dissertações** e **teses**, que diferem quanto à sua abrangência, objetivos e características.

A monografia é, como o termo indica, um estudo aprofundado de determinado tema. Isso significa que pode incluir não somente elementos teóricos (revisão bibliográfica), como também coleta de dados (incluindo quadros, tabelas, etc.). Através dela, é solucionado o problema que a justificou, seja a partir da revisão bibliográfica ou pesquisa empírica.

A dissertação, por sua vez, geralmente é feita para obtenção do título de mestre em cursos de pós-graduação, devendo se caracterizar como o resultado de uma pesquisa (teórica ou prática) em que o autor revele conhecer e dominar o tema e o assunto escolhido, com capacidade de analisá-lo, interpretá-lo e sistematizá-lo.

Tese, finalmente, é um trabalho cujo tema deve ser original, que tenha importância para ampliação do conhecimento sobre o tema desenvolvido. Visa a obtenção do grau de Doutor em cursos de pós-graduação, bem como aos títulos de Livre-docente e professor Titular em universidades.

Assim, entre as três a monografia é a que pode ser mais reduzida, tanto em extensão quanto em profundidade. Ela pode ser feita como trabalho final de disciplinas ou cursos de Especialização ou Aperfeiçoamento, ou como

trabalho de conclusão de cursos de Graduação. É, muitas vezes, equivalente à exigência de um artigo científico, podendo ser denominada de várias formas diferentes (“paper”, trabalho final, relatório, etc.).

5.3 Estrutura de um Trabalho Científico

A diferença entre um trabalho científico e um literário é a necessidade, no primeiro, de que haja um referencial teórico que o oriente. Enquanto a redação literária baseia-se numa análise subjetiva do conteúdo, a científica exige a inclusão de elementos que sintetizem o conhecimento já existente sobre o assunto. Trata-se, pois, da exigência de uma **revisão bibliográfica** prévia, de cuja análise vai resultar o trabalho final. A contribuição do autor nesse sentido significa a capacidade de sintetizar o conhecimento existente sobre o tema, relacionando-o ao problema que deu origem ao trabalho.

No que se refere à organização desse conteúdo, deve ficar clara dentro dele (existem ou não títulos e itens específicos) a presença de uma seção de **introdução**, outra de **desenvolvimento** e mais uma de **conclusão**. Pode ser dividida em capítulos ou seções, ou somente em capítulos e, conforme a finalidade a que se destina, poderá estruturar-se de maneira diferente. Todavia, deve sempre ficar presente a existência das três partes.

Embora haja grande variação nos trabalhos científicos, eles coincidem formalmente, numa seqüência lógica comum, a saber:

- a) **antecipação** do que vai se expor ou provar;
- b) **exposição** ou **prova** do que se havia proposto;
- c) **enunciado** do que se expôs ou provou.

Tais etapas correspondem, respectivamente, à introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução, que é parte integrante do texto do trabalho, é formulado o problema da pesquisa. Através dela, o leitor será informado sobre a intenção do trabalho, sua área, limites, normas, etapas, materiais e métodos utilizados (quando for o caso).

Incluirá, sempre que possível, os seguintes elementos:

- a) importância do assunto;
- b) objetivos, natureza e extensão da contribuição científica;
- c) outros elementos que o autor julgar pertinentes para ampliar a primeira visão do trabalho para o leitor.

O desenvolvimento é, em essência, a fundamentação lógica do trabalho de pesquisa. É o desdobramento do assunto, a fim de melhor compreendê-lo e dominá-lo, ampliando-o em sua extensão e aprofundando-o em sua compreensão. Envolve um processo sistemático de reflexão em que o assunto é desdobrado em partes significativas e tratado em fases sucessivas, numa seqüência lógica.

Quando se tratar de um relatório de pesquisa empírica, deverão ser aqui incluídos os capítulos da metodologia e apresentação dos resultados.

A conclusão deve proporcionar ao leitor um resumo sintético mas completo da argumentação, das provas e exemplos consignados nas duas primeiras partes do trabalho. Em outras palavras, deve relacionar as diferentes partes da argumentação, unindo as idéias desenvolvidas.

O ponto de partida da conclusão é a introdução, seguida do desenvolvimento, tendo por finalidade a reafirmação da idéia principal e pormenores mais importantes já tratados, retomando o argumento decisivo em seus aspectos principais, sem maior análise ou comentários. Ressaltará também os argumentos e conseqüências dos esclarecimentos feitos pelo pesquisador, incluindo também sugestões e recomendações do autor em relação ao tema tratado.

Quanto ao tamanho de cada uma das partes, pode ser visualizar na figura a seguir (UFP, 1981, p.34):



Figura 1- Estrutura do texto de trabalhos científicos

Portanto, a introdução e a conclusão têm um tamanho aproximado, inferior ao do desenvolvimento, que deverá ser bem mais amplo. No caso de teses e dissertações, a Figura 2 indica o tamanho específico.

Como se pode observar, em relatórios científicos a revisão de literatura é um elemento que se encaixa após a introdução, bem como uma subdivisão desta última. Ou seja, a análise do conhecimento já existente não é o centro, mas a base para o estudo. O desenvolvimento em si representa a sua interpretação, o relato dos dados coletados, etc., restando à conclusão a sua interpretação e considerações finais.

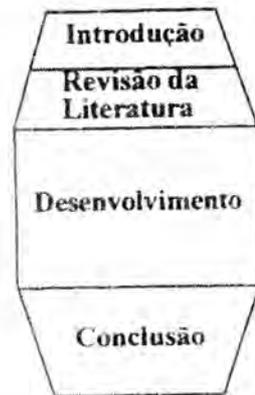
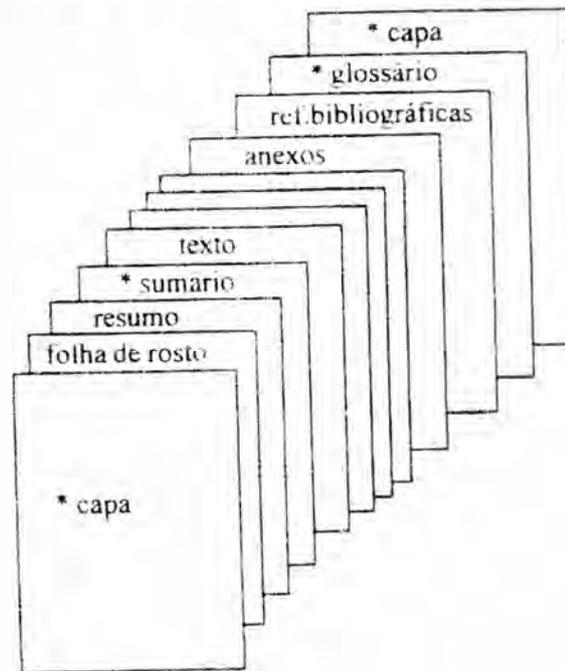


Figura 2 - Estrutura do texto de relatórios de pesquisa, teses e dissertações

Assim, independente do tipo de trabalho, deve estar presente a mesma estrutura, com seus três elementos constitutivos: introdução, desenvolvimento e conclusão.

5.4 Elementos integrantes do relatório

Redigido o relatório, restará a elaboração do documento final, constante dos elementos relacionados na Figura 3 (UFP,1992, p.35"):



* Elementos condicionados à necessidade

Figura 3 - estrutura de um trabalho monográfico

Como cada trabalho científico possui a sua apresentação padronizada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o ideal é consultar as suas normas específicas (ABNT, 1978, 1980, 1984, 1989).

O mais usual em trabalhos acadêmicos é que na capa sejam incluídos os dados de identificação da instituição (margem superior), título (centro), autor (abaixo do título), local e data (margem inferior). Na folha de rosto aparecem os mesmos elementos, acrescidos da finalidade do trabalho (entre o nome do autor e o local). (Ex.: Trabalho realizado como pré-requisito para conclusão do curso X.) O sumário incluirá as partes principais do trabalho com as respectivas páginas. Após o texto, incluir-se-ão os anexos (quando for o caso: modelos de questionários, fichas, etc.), as referências bibliográficas (apresentadas de acordo com as normas da ABNT) e, finalmente, a capa (Anexo A).

5.5 Apresentação gráfica

O relatório deve ser datilografado em papel branco, tamanho A4 (210mm x 297mm). A margem superior é de 35mm, a inferior e da direita de 25mm, enquanto que a da esquerda deve ser de 40mm. O texto deve ser datilografado em espaço dois. A bibliografia, notas de rodapé, legendas e citações textuais de mais de quatro linhas devem ser datilografadas em espaço um.

Os títulos de capítulos devem ser centrados ou iniciados junto à margem esquerda, a 7cm da margem superior, em letras maiúsculas e sublinhados, ou negritados.

O texto inicia-se a seis ou oito espaços da margem esquerda. A numeração das folhas é feita a dois centímetros da borda do papel, à direita. Os novos parágrafos começam a um espaço e meio de distância do anterior.

Quanto à numeração dos capítulos, seções e sub-seções, observa-se:

Numeração Primária

A numeração primária, correspondente a capítulos, dá início a nova folha, e seus títulos são escritos em letras maiúsculas sublinhadas ou negritadas e apresentada junto à margem esquerda ou alinhada aos parágrafos. É colocada a oito espaços da margem superior; entre elas e o texto, são deixados três espaços.

Numeração secundária

A numeração secundária corresponde aos itens de primeira divisão de capítulos; aparece à margem esquerda. Seus títulos são escritos em linha isolada, só com a primeira letra de cada palavra em maiúscula, sublinhada ou negritada.

As seções terciárias e demais com títulos, recebem o mesmo tratamento das seções secundárias.

Quanto a todos os aspectos relacionados à estrutura e apresentação do trabalhos científico, devem ser consultadas as normas da ABNT.

Ressaltando-se que, sempre, o significado maior de um trabalho científico deve identificar-se com a sua **relevância**, o rigor na apresentação é, senão suficiente mas **necessário**, condição prévia para ser aceito pela comunidade científica. Diante disso, o mínimo de respeito a tais aspectos envolve uma normalização correta, uma estruturação lógica e uma apresentação exata. Mas, seguramente, o aspecto mais importante é a maneira, profundidade e integração do conteúdo em si mesmo, onde fique clara a **contribuição** que o autor está oferecendo para o avanço do conhecimento na área analisada. Sem isso, o trabalho restringir-se-á a tão somente mais um entre milhões de outros depositados num canto qualquer, até mesmo de uma biblioteca.

6 ESCOLHA DO QUADRO REFERENCIAL: POSITIVISMO, ESTRUTURALISMO, FUNCIONALISMO, DIALÉTICA E FENOMENOLOGIA

O quadro de referência pode ser caracterizado como **a linha** (filosófica, religiosa, política, ideológica) **do autor**, servindo para comparar o modo de pensar de cada indivíduo, já que, de acordo com BARROS ; LEHFELD (1990, p.32), “. . . o conhecer algo varia segundo as associações mentais, e depende sempre do universo cognitivo e psicológico do sujeito cognoscente.”

Entre os mais usuais, citam-se o Positivismo, o Estruturalismo, o Funcionalismo e a Dialética.

6.1 O Positivismo

Baseado em Bacon, Locke, S. Mill, Hume e Comte, estabelece que **a pesquisa é realizada através da observação dos dados da experiência**, das leis que regem os fenômenos. A constatação de que existe regularidade entre os fenômenos leva à generalização. Para o Positivismo, todo o conhecimento humano só é possível a partir da experiência: “O empirismo só vê e observa o que aparece. Não admite valoração dos fatos, defendendo a neutralidade científica.” (BARROS ; LEHFELD, 1990, p.32).

Assim, relaciona-se à reunião e acumulação de fatos, na observação, experimentação, percepção e análise, “. . . sem atribuir ao espírito qualquer atividade própria nem interferência na organização dos objetivos do estudo.”

6.2 O Estruturalismo

Afirma-se que a estrutura é a forma onde falta o centro, ou, em outras palavras, o lugar do sujeito fica vazio. Logo, a estrutura é estável e invariável, baseada na totalidade e interdependência das partes.

O método estruturalista é analítico-comparativo, procurando a análise interna que a totalidade revela, a inter-relação e a disposição das partes do objeto.

Diante disso, o que importa é o papel e a posição de cada elemento diante da estrutura.: “A estrutura está acima das mudanças e dentro do sistema. A estrutura possui um caráter sistêmico pois a modificação em um elemento qualquer acarretará modificações dos outros elementos.”(BARROS; LEHFELD,1990, p.33).

Ou seja, o todo é a soma das partes.

6.3 O Funcionalismo (ou Sistemismo)

Baseado em Durkheim e Parson, é relacionado ao anterior, ao pressupor que existe uma estrutura e uma série de relações entre os elementos, que se associam e se completam, só que, ao contrário do primeiro, **o todo é maior do que a soma das partes**.

Enquanto o estruturalismo enfatiza que a **análise**, ou seja, a decomposição do todo em suas partes, o funcionalismo, ao contrário, privilegia a **síntese**, ou seja, a visão de totalidade. Em outras palavras, de acordo com BARROS; LEHFELD (1990, p.35), “. . . o todo é o somatório das partes mais sua organização.”

Acentua as relações entre as partes e enfatiza a circularidade sistêmica, integrando as partes entre si e o todo com as partes: “Todas modificações ocorrem no sistema, que se repete e se confirma. Toda superação é uma reforma e não uma revolução e/ou inovação.” (BARROS; LEHFELD,1990, p.33).

6.4 A Dialética

A partir de Hegel, Engels e Marx, a dialética estabelece que para se conhecer realmente o objeto da pesquisa, tem que se estudar todos os seus elementos, suas ligações, mediações e contradições. O objeto deve ser analisado no seu desenvolvimento, no seu movimento próprio, na sua transformação: “Não há verdades abstratas, pois elas são sempre realidades concretas.” (BARROS; LEHFELD, 1990, p.34)

Entre os seus elementos, citam-se:

- a) análise do desenvolvimento das coisas, do seu movimento, tendências e contradições
- b) o objeto é a soma e unidade de contrários;
- c) a totalidade concreta une a análise à síntese;
- d) segue a lei da interdependência universal, onde cada coisa se encontra ligada às demais, em relações múltiplas e universais;
- e) enquanto o método de investigação é regressivo (histórico), o da exposição é progressivo (sistemático).

E, finalmente, baseia-se num processo infinito de descoberta de novos aspectos, no aprofundamento das coisas conhecidas, de forma que se passe do fenômeno à essência.

Fazendo uma síntese do pensamento de Hegel e Marx a respeito da concepção e metodologia dialética, BARROS ; LEHFELD (1990, p.34) afirmam: “Para Hegel, o real é dialético, mas, como o real é racional, a dialética só é racional, não aplicável à práxis. Tudo se desenvolve segundo a tríade dialética: tese (uma idéia, uma teoria), antítese (oposição à tese) e síntese (deve ir além da tese e da antítese, reconhecendo o mérito de cada uma, procurando conservá-lo e evitar suas limitações.”

Marx exclui o idealismo de Hegel, mas conserva as concepções de contradição e negação dialéticas, com ênfase na estrutura econômica como base definitiva de qualquer forma de desenvolvimento.

Ao resumí-lo, afirma o autor (BARROS ; LEHFELD,1990, p.35): “Para Marx a principal tarefa da sociologia é mostrar como as forças dialéticas atuam na História, profetizando o determinismo histórico. Cria a teoria materialista dialética. O método de investigação e de exposição segue o próprio desenvolvimento da coisa, existe a tomada de consciência da realidade por ela própria. A pedra fundamental é a natureza.”

6.5 A Fenomenologia

Para ela, a filosofia é concebida como uma análise da consciência na sua intencionalidade. Ora, como sempre temos consciência de algo, a fenomenologia analisa como as coisas se dão à luz da consciência. Mas a consciência é apenas uma fonte ou base, não como realidade. Esta, por sua vez, é um dos modos como o objeto manifesta-se à consciência.

Os objetos se apresentam como fenômenos e a sua essência é revelada através da consciência. Logo, a razão, como aquela que manifesta ou revela o ser, é conceito muito importante na fenomenologia.

BARROS ; LEHFELD (1990), baseados em HUSSERL, apontam como características da filosofia enquanto indagação fenomenológica:

- a) é ciência teórica e rigorosa, dotada de fundamentos absolutos;
- b) é ciência intuitiva, já que as coisas se apresentam à percepção sensível da mesma maneira que apreende as essências que se apresentam à razão;
- c) é ciência não-objetiva, já que prescinde dos fatos e se preocupa apenas com as essências;
- d) é ciência das origens e princípios. A consciência contém o sentido de todos os modos como se apresentam as coisas;
- e) é ciência da subjetividade, uma vez que a análise da consciência tem o EU como sujeito ou pólo unificador da intencionalidade.

A atitude fenomenológica tem duas condições básicas:

- a) redução eidética: a fenomenologia pura não é ciência dos fatos, mas das essências. Há a substituição dos fatos, das coisas naturais, pela intuição das essências;
- b) epoché: suspende ou põe entre parênteses a tese da existência de modo geral. Percepção da essência dos atos e não o reconhecimento da realidade através de atitudes racionais.

Para compreensão dos elementos acima apresentados, apresentam-se os seguintes exemplos:

Enfoque Positivista

Tema: Hábito de leitura

Delimitação do problema:

O hábito de leitura entre os alunos das escolas estaduais de 1º e 2º graus do Estado do RS.

Formulação do problema:

Existem relações entre o nível sócio-econômico familiar, a escolaridade dos pais, o sexo e a idade dos alunos, com a formação do hábito da leitura entre os alunos das escolas estaduais de 1º e 2º graus do estado do RS?

Enfoque Fenomenológico

Tema: Hábito de leitura

Delimitação do problema:

O hábito de leitura entre os alunos das escolas estaduais de 1º e 2º graus do Estado do RS.

Formulação do problema:

Quais são os fatores que, na opinião dos professores, pais e bibliotecários, interferem na formação do hábito de leitura entre os alunos das escolas estaduais de 1º e 2º graus do Estado do Rs e o significado que este tem para a vida dos estudantes que o desenvolvem, na opinião dos mesmos respondentes?

Enfoque Dialético

Tema: Hábito de leitura

Delimitação do problema:

O hábito de leitura entre os alunos das escolas estaduais de 1º e 2º graus do Estado do RS.

Formulação do problema:

Quais são os fatores que interferem na formação do hábito de leitura, a nível individual, local, regional e nacional, de abrangência política, cultural e econômica, e suas relações com o processo de desenvolvimento cultural do País e como se apresentam as contradições, em relação ao papel do currículo e do sistema de educação e das bibliotecas escolares, da formação e desempenho dos professores, da participação da família e outras, que interferem especificamente na formação do hábito de leitura dos alunos das escolas estaduais de 1º e 2º graus do Estado do RS?

Como se pode observar, os três exemplos mostram diferentes tipos de formulação de problemas, de acordo com o quadro conceitual do pesquisados. Ao compará-los, TRIVIÑOS (1987, p.98) descreve:

“... enfoque positivista coloca a ênfase nas relações entre as variáveis que devem ser objetivamente medidas, destacando-se o apoio da estatística para atingir essa finalidade. Mas, talvez, seja a visão estática, fixa, fotográfica, da realidade seu traço mais peculiar. A segunda formulação, a de natureza fenomenológica, põe em relevo as percepções dos sujeitos, e sobretudo, salienta o significado que os fenômenos tem para as pessoas. O terceiro enunciado, o dialético, dá a impressão de historicidade do fenômeno, o que não se observa nos outros enunciados. Suas relações a nível mais amplo situam o problema dentro de um contexto, ao mesmo tempo que, dinamicamente e de forma específica, estabelece contradições possíveis de existir entre os fenômenos que caracterizam particularmente o tópico.”

Independente do enfoque, porém, o pesquisador deve situar-se o melhor possível dentro do tema e do problema delimitado, através de uma fundamentação teórica (ou revisão bibliográfica) que solidifique a sua percepção sobre a área abrangida. Num prisma positivista, a quantidade de obras consultadas é um dos indicadores, o que se torna mais restrito na análise fenomenológica e que, numa orientação dialética, é substituído pela qualidade. Isso significa dizer que, se para os positivistas é necessário ler e conhecer tudo sobre o assunto, em termos numéricos, para os de linha dialética, é preciso, acima de conhecer tudo, conhecer em profundidade, selecionando e interpretando tão somente o que é essencial para a compreensão das contradições, da historicidade, das relações e, enfim, de todos os elementos realmente significativos, excluindo fontes pouco relevantes.

7 ABORDAGENS QUANTITATIVAS DE PESQUISA: ESTUDOS DESCRITIVOS E EXPERIMENTAIS

No sentido mais amplo, a escolha da abordagem ou método significa a escolha dos procedimentos para se obter a explicação dos fenômenos estudados.

As duas abordagens que se pode valer o pesquisador são a abordagem quantitativa, que se baseia na teoria da amostragem, e que, como o nome indica, procura **medir** uma ou mais variáveis.

Em outro capítulo, ver-se-á que a abordagem qualitativa, ao contrário, não se preocupa com quantificação dos dados, mas com a busca da profundidade e significado de determinados dados.

Para dar início a uma pesquisa propriamente dita, ela deve ser precedida de um estudo exploratório, que orientará as estratégias que conduzem ao projeto de pesquisa.

Decidido o que se pretende estudar, passa-se à metodologia (**como**) e ao instrumental técnico (**com quê**):

- a) quais são os métodos e técnicas para coleta de dados?
- b) que tipo de fontes de informação serão utilizadas: bibliográfica ou de campo?
- c) qual é o universo da pesquisa e como se selecionará a amostra?
- d) como se fará um pré-teste da técnica de coleta de dados?

As pesquisas que seguem o método quantitativo, a seguir descritos, envolvem basicamente dois tipos: estudos descritivos e experimentais.

O planejamento de uma pesquisa depende do problema a ser investigado, da sua natureza, situação espaço-temporal, natureza e nível de conhecimento do investigador.

A partir daí, KERLINGER (1980) indica três tipos de pesquisa: a **bibliográfica**, a **descritiva** e a **experimental**.

A pesquisa bibliográfica tenta solucionar o problema a partir da revisão teórica do conhecimento existente a respeito do assunto. O seu objetivo é conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre o assunto, tema ou problema.

A pesquisa descritiva estuda relações entre duas ou mais variáveis de um fenômeno, mas sem manipulá-las. Ela tenta localizar situações ou condições existentes, espontâneas, no seu ambiente natural, constatando e avaliando o tipo de situação estudada.

A pesquisa experimental procura analisar o problema, manipulando os possíveis fatores que se referem ao fenômeno observado, de acordo com as hipóteses levantadas. Nessa investigação, a manipulação das variáveis proporciona o estudo das relações entre causa e efeito de um fenômeno, podendo o investigador controlar a quantidade ou qualidade dessas relações.

O experimento deve ser planejado selecionando-se as variáveis a serem manipuladas e controladas através de técnicas especiais. *

Um mesmo problema pode ser investigado tanto através de uma pesquisa experimental quanto não-experimental. A decisão vai depender da natureza do problema, fontes de informação, recursos, capacidade do investigador e outros.

O mérito dos dois tipos são os mesmos, desde que seja correta a utilização da metodologia. Ambos têm vantagens e desvantagens. Se os experimentos oferecem mais rigor no controle, tornando mais confiáveis os seus resultados, as pesquisas não-experimentais são mais naturais, espontâneas e generalistas. A pesquisa bibliográfica, por seu turno, é extremamente necessária para se efetuar tanto estudos descritivos quanto experimentais.

7.1 O Fluxograma da Pesquisa Descritiva e Experimental

Para a realização da pesquisa, algumas fases e suas etapas devem ser observadas em se tratando de trabalhos científicos. O respeito a tais etapas dá garantia de objetividade e método que lhe são básicos.

Graficamente, o fluxograma pode ser visto na figura a seguir:

* Para a realização da pesquisa experimental, ver RUDIO (1983) e SELLTIZ (1971).

O FLUXOGRAMA DA PESQUISA

Fase	Etapas
Planejamento	Escolha do tema.* Delimitação do Problema.* Revisão da Literatura.* Crítica da Documentação.* Construção de esquemas teóricos.* Construção de hipóteses.
Construção do plano	1 Justificativa e problema 2 Objetivos 3 Fundamentação teórica 4 Hipóteses, variáveis e definições operacionais 5 Metodologia (tipo, amostra, instrumentos, plano de coleta, tabulação e análise) 6 Estudo piloto 7 Orçamento e cronograma
Implementação	Estudo piloto Treinamento dos entrevistadores Coleta de dados Tabulação Análise Confirmação ou refutação das hipóteses
Apresentação dos Resultados	Construção* Redação* Divulgação do relatório

* As etapas assinaladas referem-se às da pesquisa bibliográfica.

O sumário que segue é utilizado no planejamento de estudos descritivos e experimentais

SUMÁRIO	P.
1 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	
1.1 Definição do problema	
1.2 Objetivos e/ou hipóteses	
1.3 Definição operacional das variáveis	
2 REVISÃO DA LITERATURA	
3 METODOLOGIA	
3.1 Modelo de pesquisa	
3.2 População e amostra	
3.3 Instrumentos de coleta de dados	
3.4 Procedimentos de pesquisa	
3.5 Plano de análise e apresentação de dados	
3.6 Estudo-piloto	
3.7 Limitações da pesquisa	
4 CRONOGRAMA	
5 PREVISÃO DE RECURSOS	
ANEXOS	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

Contexto e Delimitação da Pesquisa

É neste momento que se apresenta a justificativa da realização da investigação, a partir da análise das principais características da área-problema, onde fica clara a relevância da pesquisa, que tipos de interesses originaram o projeto (institucionais, governamentais, teóricos, etc.), bem como as demais informações de caráter geral que possibilitem ao leitor entrar em contato com o campo de investigação. Assim, por exemplo, se a pesquisa envolver uma situação específica, tal como a análise do desempenho de bibliotecários numa determinada situação, é neste item que a realidade, as condições dos participantes e as principais características da área em estudo devem ser apresentadas.

Definição do Problema

O problema de pesquisa significa o resultado de todas as indagações já feitas de maneira geral no item anterior, ou seja, trata-se da síntese da área-problema, redigido em forma de uma pergunta, uma interrogação onde se questiona a relação entre no mínimo duas variáveis, que tenham base teórica.

Exemplo:

“Diante do exposto, o problema desta pesquisa pode ser caracterizado pela questão: quais os interesses e expectativas dos usuários da biblioteca X em relação aos novos serviços planejados pela organização?”

Objetivos e/ou Hipóteses

Já definido o problema, o passo seguinte é indicar quais são as hipóteses que orientarão a realização da investigação. No caso de estudos exploratórios e descritivos em que as hipóteses sejam substituídas por objetivos, aqui serão eles incluídos, em lugar delas.

Definição Operacional das Variáveis

Neste item, são definidas as variáveis de acordo com o sentido operacional que lhes será atribuído pelo pesquisador.

Exemplo:

- a) idade - caracterização dos usuários de acordo com a faixa etária:
menos de 18 anos; de 19 a 22 anos; de 23 a 26 anos, etc.

Revisão da Literatura

Também denominada referencial teórico ou revisão bibliográfica, inclui os aspectos essenciais que serão utilizados como base teórica da pesquisa. É uma síntese dos principais aspectos coletados e selecionados a partir da pesquisa bibliográfica, após ter sido feita uma reelaboração crítica do conteúdo, pelo pesquisador. Ressalte-se aqui a importância de que as fontes de consulta sejam devidamente apresentadas no texto (autor, ano, página ou número de chamada na bibliografia), sejam breves (citações textuais de autores, entre aspas, de até quatro linhas), sejam longas (superiores a quatro linhas, quando são colocadas entre aspas, datilografadas em margem de parágrafo e em espaço 1). A revisão de literatura pode ser dividida em tantos itens e sub-itens quantos forem necessários, podendo o título ser substituído por outro, mais significativo para a compreensão do conteúdo.

Metodologia

Tipo de Pesquisa

Aqui é indicado se a pesquisa é do tipo exploratório, descritivo ou experimental. Como o nome já indica, a pesquisa é do tipo exploratório quando envolver um levantamento, uma coleta de dados sem estabelecer relação entre variáveis. Quanto às pesquisas descritivas e experimentais, uma das principais diferenças que as distingue, segundo RUDIO (1983), é que nas primeiras o pesquisador procura estabelecer e interpretar a realidade, sem nela interferir para modificá-la. Nessa tentativa de conhecer e interpretar a realidade, o investigador estabelece relações entre variáveis, mas sem identificação de causa e efeito. Já na pesquisa experimental, ele manipula deliberadamente alguma variável, estudando algum aspecto da realidade dentro de condições previamente definidas, a fim de observar se, em determinadas condições, são produzidos certos efeitos. Assim, por exemplo, ele poderá testar se um estímulo positivo interfere no desempenho do usuário. Mas para medir se efetivamente o estímulo é que provoca o efeito, uma série de variáveis deve ser previamente controlada.

População e Amostra

Inclui a caracterização do universo ou população da pesquisa (quando são identificados todos os sujeitos que podem ser incluídos na investigação) ou amostra, que significa a parcela da população que será envolvida efetivamente na pesquisa. Deve ser indicado aqui o método de seleção da amostra, seu percentual e características de sua representatividade relacionadas diretamente aos objetivos da pesquisa.

Instrumentos de Coleta de Dados

Serão apresentados neste item os tipos de instrumentos que serão utilizados, com suas principais características. Por exemplo: ficha de observação, de análise de conteúdo, questionário, entrevista estruturada, etc., mas não o próprio instrumento, que entrará como anexo.

Procedimentos de Pesquisa

Se não tiverem sido indicados no item acima, utilizar-se-á especificamente este item para descrever, com todos os detalhes necessários, como serão aplicados os instrumentos de pesquisa (envio pelo correio, pesquisa participante, observação indireta, etc.).

Plano de Análise e Apresentação dos Dados

Neste item serão apresentados os procedimentos estatísticos a serem utilizados para analisar os dados (médias, percentuais, SPSS, etc.), bem como as formas de sua apresentação final (tabelas, gráficos, histogramas, etc.).

Estudo-piloto

Para dar garantia à pesquisa, os instrumentos de coleta de dados devem ser testados, quanto à sua fidedignidade (compreensão do sentido da ficha, por exemplo, por todos os observadores, garantindo-se que a observação seja feita da mesma maneira, para todos compreenderem o sentido de cada item, como também das perguntas de uma entrevista, questionário, etc.) e da validade (em que, consultando-se especialistas, estes opinam sobre a relevância da pesquisa e sobre a adequação do método a ser aplicado para se obter os dados desejados). O item estudo-piloto, assim, descreverá de que forma foram testadas a fidedignidade e a validade dos instrumentos, a partir de métodos e técnicas adequadas.

Limitações do Estudo

Incluem-se aqui as principais restrições à análise dos dados da pesquisa, tais como: bibliografia existente, número de atletas observados, etc. As limitações referem-se a todos os elementos que possam estar envolvidos nos resultados da pesquisa, discriminados pelo pesquisador para indicar ao leitor que ele tem consciência e que já previu tais elementos como variáveis intervenientes na pesquisa.

Cronograma

Inclui todas as etapas da pesquisa, distribuídas dentro do tempo previsto para uma ótima execução do trabalho. Exemplo:

Quadro 1
Cronograma de Atividades

Atividades	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
1 Elaboração do projeto	■								
2 Revisão da literatura	■	■	■	■	■	■	■	■	■
3 Estudo - piloto	■								
4 Coleta de dados		■	■	■	■				
5 Devolução dos Instrumentos			■	■	■				
6 Tabulação e codificação			■	■	■	■			
7 Interpretação						■	■		
8 Elaboração do relatório			■	■	■	■	■	■	
9 Divulgação dos resultados									■

Previsão de Recursos

Envolve a discriminação e quantificação dos recursos necessários para a pesquisa:

Quadro 2
Previsão de Recursos

Discriminação	Quantidade	Valor R\$
Total		

Anexos

Inclusão de modelos de cada um dos instrumentos de coleta de dados.

Bibliografia Consultada ou Referências Bibliográficas

Apresentação de todas as obras citadas no texto de acordo com a ABNT.

7.2 O Relatório da Pesquisa Descritiva e Experimental

Em consonância com o que já foi indicado em capítulo anterior, o conteúdo do relatório deve estruturar-se nas seguintes partes:

- 1 Introdução;
- 2 Desenvolvimento;
- 3 Análise e interpretação dos dados;
- 4 Conclusão.

Na introdução, inclui-se os aspectos envolvendo justificativa, delimitação do problema, a apresentação dos objetivos, hipóteses, definições operacionais, etc.

No desenvolvimento, apresenta-se a revisão teórica e a metodologia escolhida.

A análise e interpretação dos dados existirá quando houver necessidade de apresentar e interpretar dados, mediante a apresentação de gráficos, tabelas e experimentos, etc.

Os fatos constatados são aqui descritos, analisados e interpretados, com base no suporte teórico e metodológico dos pesquisadores.

Nas conclusões e recomendações, os resultados considerados valiosos e finais para a compreensão e exame da problemática estudada são aqui apresentados.

Como fechamento do trabalho, a conclusão é expressa em termos de **síntese** dos elementos **relevantes** analisados no trabalho.

A conclusão define o ponto de vista do autor. Por isso, expressa as suas características pessoais acerca do assunto tratado. É o que BARROS; LEHFELD (1990) definem como sua **ideologia**.

O autor deverá na conclusão fazer novas indagações a serem solucionadas através de outras análises e interpretações do estudo: são as recomendações.

Sintetizando o exposto, seguem modelos de relatórios de pesquisa bibliográfica e pesquisa descritiva ou experimental.

O Relatório da Pesquisa Descritiva ou Experimental

1 CONTEXTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

- 1.1 Definição do problema
- 1.2 Formulação dos objetivos e hipóteses
- 1.3 Definição operacional dos termos

2 REVISÃO DA LITERATURA

3 METODOLOGIA

- 3.1 Modelo da pesquisa
- 3.2 População e amostra
- 3.3 Instrumentos da coleta de dados
- 3.4 Procedimentos da pesquisa
- 3.5 Estudo-piloto

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

ANEXOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E, para uma avaliação do relatório, segue uma ficha, utilizável como referência de qualidade:

Roteiro de Avaliação de Relatórios de Pesquisas Descritivas e Experimentais

Indicadores	Escore				
	Totalmente	Em grande parte	Pouco	Nada	Não sabe
<p>Objetividade</p> <p>1 É escrito de maneira clara, sendo utilizados termos acessíveis?</p> <p>2 É apresentada uma estrutura lógica e sequencial do conteúdo, com introdução, desenvolvimento e conclusão?</p> <p>3 É utilizada linguagem objetiva, sem termos que denote subjetividade (exemplo: parece-me que (errado); parece que (correto)?</p> <p>4 São utilizados termos objetivos de dimensões, pesos e volumes? (exemplo: sala pequena (errado): sala de vinte metros quadrados (correto); muito pesado (errado); trinta quilos (correto).)</p> <p>5 É utilizada a linguagem em forma direta (sujeito, verbo e predicado)?</p> <p>6 É utilizada a autoria correta (citada a fonte do autor)?</p> <p>Pertinência</p> <p>1 É feita a exposição das idéias e conhecimentos de maneira inequívoca, sem dar margem a interpretações diversas ou erradas?</p> <p>2 É utilizada uma linguagem científica que não cai no supérfluo ou coloquial?</p> <p>3 É redigido em estilo simples, sem elementos retóricos que dificultem a interpretação do texto?</p> <p>4 É respeitada uma forma ordenada na apresentação das idéias, de modo a não confundir o leitor?</p> <p>5 É seguida uma seqüência dos assuntos ordenada, de modo a contribuir para despertar a atenção do leitor e a facilitar a sua compreensão?</p> <p>6 É apresentada de forma clara a definição dos termos técnicos ou de diversas interpretações?</p> <p>Precisão</p> <p>1 São traduzidos fielmente os elementos teóricos citados, sejam citações textuais, sejam citações indiretas?</p> <p>2 São utilizadas palavras precisas para datas, épocas, percentuais, etc? (exemplo: antigamente (errado); no século XIX (correto); vários elementos (errado); duzentos elementos (correto).)</p> <p>3 É iniciada cada frase com palavras e nunca com algarismo? (exemplo: 28 funcionários esperavam... (errado); Vinte e oito funcionários ... (correto).)</p> <p>4 É feita a indicação de números decimais através de vírgulas e não de pontos (errado: 2.93; correto: 2,93)?</p> <p>Consistência</p> <p>1 Há consistência de expressão gramatical na enumeração dos ítems? 2.1 Extrair; 2.2 Definir; 2.3 Delimitar, etc. (correto) 2.1 Extração; 2.2 Definição; 2.3 Delimitar, etc. (errado)</p> <p>2 Há consistência de categoria entre as seções e capítulos? 1 Metodologia da pesquisa; 1.1 Técnica de coleta de dados; 1.2 Diretrizes de normalização; 1.3 Redação do relatório (correto); 1.4 Tipos de estudos de usuários (errado).</p>					

Indicadores	Escore				
	Totalmente	Em grande parte	Pouco	Nada	Não sabe
<p>Vocabulário</p> <p>1 São utilizadas palavras breves para substituir palavras longas? (exemplo: excetuando (errado); exceto (correto).)</p> <p>2 É evitado o uso de palavras da moda? (exemplo: abertura, diálogo, casuísmos, modernidade, etc.)</p> <p>3 É evitado dizer o mesmo com palavras sem sentido? (exemplo: uma verdadeira pesquisa (errado); uma pesquisa (correto).)</p> <p>Contexto do Problema</p> <p>1 O problema estabelece relações entre duas ou mais variáveis?</p> <p>2 É passível de verificação empírica?</p> <p>3 Diz de que trata e justifica a pesquisa?</p> <p>4 Exclui posições que firam ética ou moralmente?</p> <p>5 Apresenta a importância do assunto no que se refere à implicação e benefícios que trará para a comunidade/área de conhecimentos?</p> <p>6 É apresentado na forma de pergunta?</p> <p>7 É relevante para a área de estudos envolvida?</p> <p>8 Utiliza apenas as palavras necessárias?</p> <p>9 É pertinente com as demais etapas do trabalho?</p> <p>10 Sugere elementos que orientaram a revisão bibliográfica?</p> <p>Objetivos</p> <p>1 São formulados de maneira clara e fora de dúvida?</p> <p>2 São viáveis de serem atingidos?</p> <p>3 São pertinentes e diretamente relacionados ao problema apresentado?</p> <p>Metodologia</p> <p>1 Indica o tamanho da amostra?</p> <p>2 Informa como a amostra foi selecionada?</p> <p>3 Cita o tipo de amostra escolhido?</p> <p>4 Descreve os instrumentos de coleta de dados utilizados?</p> <p>5 Descreve os procedimentos a serem realizados no decorrer da pesquisa?</p> <p>6 Determina o tempo para cada atividade?</p> <p>7 Determina os custos para cada atividade?</p> <p>8 Apresenta a bibliografia de acordo com as normas da ABNT?</p> <p>Redação do Informe</p> <p>1 É empregada a terceira pessoa do singular nos verbos?</p> <p>2 Há clareza na forma de redação?</p> <p>3 É evitado o uso de palavras entre aspas desnecessariamente?</p>					

7.3 A Escolha do Tipo e Tamanho da Amostra

Em estudos descritivos raramente é necessário estudar todas as pessoas de um grupo a fim de se obter uma descrição precisa e exata das atitudes e do comportamento de seus membros, bastando para isso estudar uma **amostra** da população. Isso porque vários estudos já comprovaram que amostrar de 1 elemento entre 20, 1 em 40 e 1 em 50 apresentam resultados semelhantes. Com isso, quem determina o tamanho da amostra é o pesquisador, de acordo com o tipo e objetivos da pesquisa, respeitado um percentual que lhe dê segurança quanto à representatividade.

Uma amostra corretamente selecionada garante uma margem de segurança razoável para se fazer uma estimativa da população.

Por exemplo, querendo saber a percentagem de uma população que concorda com uma determinada modificação nas rotinas da biblioteca (horário de funcionamento), podem ser utilizadas amostras de 5% entre 90% da população. O plano que dá essa margem de segurança é chamado **Plano de amostragem representativa**.

Um plano de amostragem representativa assegura que é muito grande a probabilidade de que, para os objetivos em vista, a amostra seja adequada e confiável, assegurando uma estimativa correta.

Há dois tipos de amostragem: **amostragem probabilística** e **amostragem não probabilística**.

7.3.1 Amostragem Probabilística

Amostragem probabilística é aquela que permite que se estabeleça, para cada elemento da população, a sua chance de ser incluído na amostra. Nela, cada elemento da população tem a mesma possibilidade de ser incluído na amostra.

Amostragem não probabilística é utilizada quando não existe forma para estimar a probabilidade de que cada elemento da população tem de ser incluído na amostra, e não dá a segurança de que todos os elementos tenham alguma possibilidade de serem incluídos na amostra.

A amostragem probabilística é a única forma que permite a montagem de planos de amostra representativa. Com ela, o pesquisador estima até que ponto os resultados baseados em amostra tendem a diferir dos que seriam obtidos através do estudo da população. Assim, para se fazer uma estimativa do que seriam os resultados de toda a população, a amostra deve ser do tipo probabilístico.

A amostra probabilística exige a capacidade para especificar a possibilidade de que os resultados não diferem, por mais do que em determinada quantidade, dos valores reais da população.

A amostragem probabilística inclui três tipos de amostra:

- a) **amostra casual simples:** selecionada por um processo que não apenas dá a cada elemento da população uma igual oportunidade de ser incluído na amostra, mas também torna provável a escolha de todas as combinações possíveis do número desejado de casos. Ver tabela dos números aleatórios;
- b) **amostra por agrupamentos:** quando a população é muito grande, através dela chega-se ao conjunto final dos elementos que devem ser incluídos na amostra através da amostragem inicial de feixes maiores. Os agrupamentos são selecionados pelo método de amostragem casual simples;
- c) **amostra casual estratificada:** a partir da seleção simples aleatória casual, reúnem-se elementos de acordo com determinada característica.

Exemplos:

a) amostra casual simples

Extrair uma amostra de dois casos numa população de cinco casos (A,B,C,D,E). Nos cinco, existem 10 possíveis pares de casos nessa população: AB - AC - AD - AE - BC - BD - BE - CD - CD - DE. Escreve-se as 10 em papéis e sorteia-se um deles. Cada um dos 10 tem a mesma probabilidade de ser escolhido. Se, na mesma população, quiséssemos 3 casos em vez de dois, teríamos: ABC - ABD - ABE - ACD - ACE - ADE - BCD - BCE - BDE - CDE. Procedê-se da mesma forma que o anterior.

Para facilitar, utiliza-se a tabela dos números aleatórios, ao final do capítulo.

b) amostra por agrupamentos: para fazer-se o levantamento de algumas características dos usuários de bibliotecas escolares da rede pública do ensino do RS:

- prepara-se uma lista dos distritos que possuem escolas com bibliotecas;
- seleciona-se uma amostra casual simples ou estratificada;
- aplica-se os instrumentos a todos os usuários que apresentem a característica que se quiser pesquisar, ou faz uma amostra se o número for muito grande.

Outro exemplo: levantamento de casas urbanas:

- faz-se uma amostra de cidades;
- em cada cidade, uma amostra de distritos;
- em cada distrito, uma amostra de casos.

c) amostra estratificada: selecionar uma amostra, entre uma população de homens e mulheres de acordo com o sexo.

Exemplo de Estimativa de Resultados de Uma Amostra para uma População

Quando se quiser saber, numa biblioteca, quantos usuários são pró, anti ou indecisos em relação a determinadas características, pressupondo-se que possa haver diferenças de opinião de acordo com o sexo. Sabe-se que 30% dos usuários são do sexo masculino e 70% do feminino, faz-se uma amostra casual simples de 200 entre 1000 usuários da biblioteca. Hipoteticamente, consegue-se obter os dados constante da tabela a seguir:

Sexo	Nº de Usuários		Nº da amostra dos que são		
	Da biblioteca	Da amostra	Pró	Anti	Indecisos
Masculino	330	60	50 (83,3%)	8 (13,3%)	2 (3,3%)
Feminino	700	140	50 (35,7%)	20 (14,2%)	70 (50%)
Total	1000	200	100	28	72
% da amostra			50	14	36

Para fazer uma estimativa de toda a biblioteca, organiza-se a tabela abaixo:

Sexo	Número dos usuários que são		
	Pró	Anti	Indecisos
Masculino	250	40	10
Feminino	250	100	350
Total	500	140	360
% estimado da população	50%	14%	36%

7.3.2 Amostragem não Probabilística

- a) **amostras acidentais:** por exemplo, utilizando-se os dez primeiros usuários que chegam à biblioteca, por ordem de chegada, ao acaso;
- b) **amostras por quotas:** quando a seleção deve ser uma réplica da população. Por exemplo, selecionando-se a partir do sexo, idade, nível sócio-econômico, educação, raça, status, região geográfica de residência. No exemplo acima, utilizam-se os primeiros cinco usuários de sexo masculino e os primeiros usuários de sexo feminino em igual número;
- c) **amostras intencionais:** quando se extraem casos considerados típicos da população. A suposição básica é que, com bom julgamento e uma estratégia adequada possamos escolher os casos que devem ser incluídos na amostra. Por exemplo, pesquisa sobre o comportamento eleitoral: escolhem-se municípios cujos resultados em eleições anteriores se tenham aproximado dos resultados gerais do estado. Fazendo-se o levantamento, o resultado tende a se aproximar de ventual pleito ainda não realizado;

7.4 Técnicas de Coleta de Dados

A decisão sobre a escolha da técnica de coleta de dados será feita a partir de uma análise da situação de mensuração onde o critério mais importante a ser observado é o de que se possa ter **controle** sobre os dados:

Seleção da Técnica de Coleta de Dados de Acordo com a Situação de Mensuração e Forma de Comunicação

Situação da mensuração	Forma de comunicação		
	Não verbal	Oral	Escrita
Não formalizada	Observação	Indicações de informantes	Análise de conteúdo
Formalizada mas estruturada	Observação	Discussão de grupo; entrevistas estruturadas	Questionários

Observação - A observação se converte em técnica de coleta de dados na medida em que serve a um objetivo formulado da investigação, é planejada, controlada e relacionada com proposições mais gerais em vez de ser apresentada como uma série de curiosidades interessantes e está sujeita a comprovações e controle de validade e fidedignidade. Como técnica de investigação, consiste em ver e ouvir fatos e fenômenos que se deseja estudar. Para esse fim, adota diferentes modalidades:

Formas de Classificação do Observador

Critérios	Tipos
Segundo os meios utilizados	Observação não estruturada Observação estruturada
De acordo com a participação do observador	Observação não participante Observação participante
Segundo o número de observadores	Observação individual Observação em equipe
De acordo com o local onde se realiza	Observação em campo Observação em laboratório
Enquanto técnica de atuação na realidade	Observação militante

A observação não estruturada consiste em reconhecer e adotar os fatos, sem recorrer a ajuda de meios técnicos especiais. É um meio rápido de captação da realidade, amplamente utilizada em certas circunstâncias. Mas tem um perigo de nos dar a sensação de que sabemos mais do que realidade vimos. Os dados são reais e vivos, que às vezes confundimos a força de nossas emoções com a extensão de nossos conhecimentos.

A observação estruturada, ou sistemática, apela a instrumentos para a recompilação dos dados observados, estabelecendo de antemão quais os aspectos que serão estudados. Numa observação não estruturada, pode-se decidir, observar um grupo e mais concretamente sua dinâmica interna; o observador pode ter esquemas pessoais mais ou menos elaborados para analisar o grupo, mas não leva uma lista do que deve observar. Numa observação estruturada, se sistematizam os aspectos que se considera relevantes para determinar a dinâmica interna do grupo. Com esta modalidade pode-se utilizar distintos meios que acrescentam a possibilidade de controle: quadros, anotações, listas, escalas, filmes, etc.

De acordo com a participação do observador, pode ser participante e não participante. A observação participante consiste na participação real do observador na vida da comunidade. Distingue-se dois tipos de observação participante: participação natural, quando o observador pertence a mesma comunidade ou grupo que investiga; participação artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma pesquisa.

Quanto ao número de observadores, pode ser individual, realizada com uma só pessoa, com o conseqüente risco de provocar uma distorção. A observação em equipe pode realizar-se de diferentes formas:

- a) todos observam o mesmo, com o que se procura corrigir as distorções que podem provir de cada investigador em particular;
- b) cada um observa um aspecto diferente;
- c) a equipe recorre à observação, porém alguns membros empregam outros procedimentos; constitui-se uma rede de observadores, distribuídos no grupo, região ou país; trata-se de uma técnica denominada observação de massa.

Normalmente, as observações se efetuam na vida real; os fatos se captam tal como se vão apresentando, sem preparação. Não se convoca, por exemplo, uma reunião da direção de uma cooperativa para observar como atua o grupo; quando se realiza uma reunião se efetua a observação.

A observação de laboratório tem de certo modo um caráter artificial; dentro desta categoria compreende-se a observação de pequenos grupos em laboratórios sociais, na forma de seminários.

A observação militante, segundo BARROS (1990), é utilizada em pesquisas qualitativas, com abordagem dialética, como, por exemplo, pesquisas participantes, como uma técnica de coleta de dados que possibilita uma ação social e política junto às realidades enfocadas, especialmente em estudos de grupos sociais e comunidades carentes. Através de um processo de inserção grupal, o pesquisador estimula intencionalmente as mudanças.

Supõe quatro etapas: a aproximação do grupo e processo de inserção; o momento da observação propriamente dita; a sistematização e organização dos dados; o retorno do material coletado ao grupo, por discussão e avaliação.

Quanto aos meios de observação, em ciências sociais não se tem instrumentos tão precisos como se dispõe em ciências naturais, tais como termômetro, balança, etc. A câmera de filmar é o meio mais dispendioso. Os mais utilizados são: o diário, o caderno de notas, quadro de trabalho, mapas, dispositivos mecânicos, etc.

O diário é o retrato escrito cotidiano das experiências vividas e dos fatos observados. Pode ser redigido ao final de uma jornada ou ao término de uma tarefa importante. Deve ser objetivo, sintético, claro e ordenado.

O caderno de notas adapta geralmente a forma de uma caderneta que o observador leva consigo, com o objetivo de anotar todas as informações, dados, referências, expressões, croquis, etc., que podem ser de interesse para a investigação.

Os quadros de trabalho são uma forma de apresentação gráfica semelhantes às planilhas, com quadrinhos formados por colunas. Cada coluna pode corresponder a diferentes graus de fenômenos observados.

Entre as vantagens de técnica de investigação, a primeira é a que se pode obter informação independentemente do desejo de proporcioná-la e da capacidade e veracidade das pessoas que integram o grupo estudado. Os fenômenos se analisam com um caráter de totalidade, abordando toda a problemática.

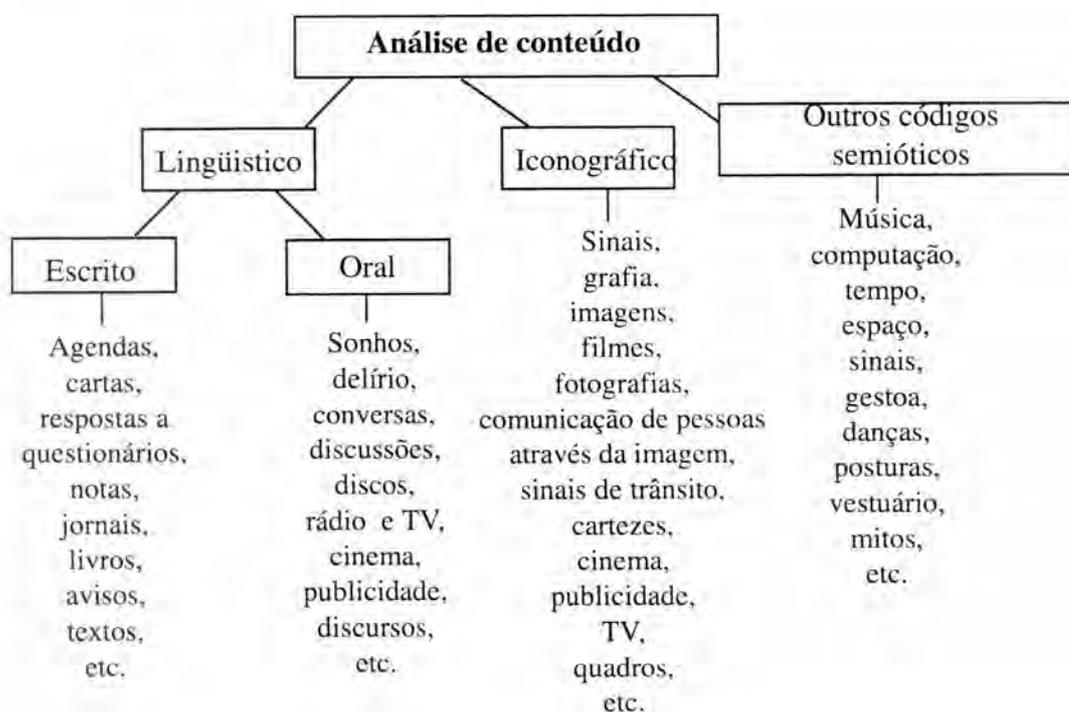
De outro lado, apresenta desvantagens e limites: anotar coisas que não aconteceram, distinguir entre os fatos observados e a interpretação desses fatos, emotividade, integração real do observador, etc.

Análise de Conteúdo - É um método que pode ser empregado numa situação formalizada, mas não estandarizada, sendo os objetos de mensuração produtos de ação humana. A análise de conteúdo ocupa-se do produto da ação humana, sendo que o próprio produto pode ser objeto de investigação. Pode-se fazer análise de conteúdo de: textos, discursos de deputados, por exemplo, jornais para verificar a ocorrência de notícias sobre delinquência juvenil, etc., documentos gráficos, sonoros, etc.

Trata-se de uma técnica utilizada em estudos quantitativos como qualitativos, **tendo como objeto a linguagem**. De início, foi utilizada em estudos de **mensagens escritas**, para depois incluir a análise da comunicação não verbal, a **semiologia** e também trabalhos na área da **linguística**. Busca descrever, objetivamente, sistemática e quantitativamente, o **conteúdo manifesto** da comunicação.

Em pesquisas qualitativas, é utilizada na busca da compreensão da comunicação ou discurso, extraindo os aspectos mais importantes da mensagem e aprofundando suas características qualitativas (BARROS, 1990).

Graficamente, o seu uso pode ser visualizado no esquema a seguir:



Análise secundária - Nesse método, utilizam-se dados de uma investigação anterior, analisando-o a partir de um novo esquema de referência. Em outras palavras, adotam-se todas as definições operacionais com todas as premissas, construindo-se porém um novo sistema de hipóteses. Exemplo: aplicar uma mesma pesquisa numa nova situação, modificando-se obviamente as hipóteses de trabalho, porém aplicando também o mesmo tratamento estatístico.

Discussão de grupo - Distingue-se da observação pelo assunto de mensuração. Constata não o comportamento (como é feito em observação), mas as **opiniões** e **atitudes**, exatamente o que a observação não consegue apurar. Daí complementa a observação e a entrevista. Mede a propriedade de uma coletividade ter uma opinião sobre determinados objetos, ou a propriedade de uma opinião (como objeto) ser representada por diversos grupos de pessoas. O objeto é a opinião grupal. Realiza-se com grupo de 6 a 10 pessoas de cada vez, reunidos num local neutro. A neutralidade do local tem a vantagem de possibilitar o efeito de afastamento, que reduz as barreiras de comunicação do dia-a-dia e oferece um estímulo-base (filme, gravação, slide), bem como facilita a coleta de dados. Dependendo do objetivo teórico, os grupos podem ser idênticos, com grupos pré-existentes quanto aos participantes (professores de uma escola, membros de um clube, igreja, turma de alunos, etc.). Porém pode também abranger membros individuais de comunidades maiores. Via de regra, inicia-se com um estímulo-base, que indica a temática, tanto quanto possível de forma difusa e, por isso, projetiva. Pode ser um filme, gravador que reproduz uma carta, diapositivos com desenhos TAT (Thematic Apperception Test), etc. Recomenda-se esquematizar o estímulo-base, a fim de que se possa iniciar todas as reuniões de uma série com um estímulo-base uniforme. No mínimo essa comunicação entre o coordenador e participantes deve ser estandarizada: no desenvolvimento dos debates há possibilidade suficiente para desviar-se do tratamento estandarizado. A experiência indica que no início dos debates tende a não se desenvolver espontaneamente, havendo também uma tendência a desviar-se do assunto. Um coordenador deve então tornar a sua presença indispensável, procurando manter a discussão centralizada no tema, encorajando os participantes, etc.

A análise se faz da seguinte forma:

- a) no início faz-se uma análise qualitativa de cada discussão;
- b) compara-se as opiniões grupais, o transcurso das discussões e as estruturas de opiniões de grupos sociais semelhantes;
- c) compara-se as opiniões grupais de grupos distintos.

Entrevista - A entrevista é a relação mais propícia entre possibilidades de controle intersubjetivo e custos por unidade. Constitui-se numa interação social em que se realizam comunicações orais ou por escrito, mas em ambos os casos atos verbais de comunicação. Na entrevista científica, deve-se fundamentalmente ter em mente que não se pode influenciar o entrevistado em seu comportamento posterior à entrevista. Em relação ao uso de questionários, parece que a maioria das pessoas prefere a entrevista, sendo reduzido o número de sujeitos que se nega a participar.

Na pesquisa social, a entrevista é uma interação preponderante verbal, relativamente curta, entre um entrevistador e um ou vários entrevistados, induzida pelo entrevistador com a finalidade de coletar informações e limitada a uma ou diversas áreas temáticas, excluídos comportamentos interacionais não significativos. Nesse intuito, as relações de papéis são organizadas de forma tal que o entrevistado responde determinadas perguntas ou reage a outras formas de estímulos orais ou escritos, sem que tencione mudar o comportamento ou opinião do entrevistado além da situação da entrevista.

Entre os problemas que acontecem numa entrevista, interferem: inibições culturais, sociais, psíquicas dos respondentes, mentiras intencionais, palavras incompreendidas, linguagem, tabus em relação aos temas, perguntas que podem parecer ameaças ou estímulos, indução de respostas pelo entrevistador, cansaço, tendência a responder sempre sim ou não, etc.

As perguntas devem ser formuladas de tal maneira que todos os objetivos de investigação e demais participantes as interpretem da mesma forma. As diferenças das respostas nunca devem recorrer do fato de que as pessoas participantes da investigação tenham interpretado diferentemente a pergunta. As diferenças das respostas devem representar o resultado das disposições sociais que se pretende medir.

Uma pergunta é formulada de diferentes formas, como se nos encontrássemos em um diálogo comum. Pode-se também fazer uso de estímulos especiais, entrando em contato com o entrevistado de todas as formas possíveis de intercomunicação humana. Pode-se iniciar através de qualquer um dos cinco sentidos, sem nos limitarmos a manifestações verbais. Podemos nos comunicar com o entrevistado através de estímulos

óticos ou acústicos (tatear, cheirar, degustar). Pode-se usar estímulos óticos, dando ao entrevistado cartões ou listas que contenham informações, fotos, gravuras, filmes. Em geral, estímulos acústicos podem ser transmitidos por rádio, gravador, etc. Em todos os casos, é indispensável comunicar ao entrevistado, verbalmente, qual o comportamento esperado ante os estímulos. Via de regra, solicitamos que nos faça ver o que acha do estímulo apresentado.

As perguntas podem ser abertas (respostas livres) ou fechadas (com opções), estas últimas reduzindo a espontaneidade mas facilitando a coleta de dados. Os conceitos devem ser operacionalizados para o orientar a entrevista. Por exemplo, para saber o status social, pergunta-se a renda, educação, ocupação, etc.

É necessário definir exatamente os conceitos utilizados, esclarecer as dimensões temporais, ponderar a perspectiva psicossocial, bem como oferecer, na pergunta, critérios de avaliação, juntamente com os fatos a serem avaliados e examinar o contexto das respostas do entrevistado.

É importante considerar o interesse e motivação do entrevistado em responder. É importante considerar o interesse no objeto e na mensuração; dirigir-se às suas capacidades específicas, evitar falsificação, além de regras de gentileza (etiqueta), estimular a memória, evitar confusões cronológicas, e, além disso, tentar por a descoberto fatos inconscientes.

Cada pergunta deve obedecer os seguintes critérios:

- a) não deve conter informações duvidosas;
- b) não deve ser muito longa;
- c) na introdução do entrevistado a um assunto não atual para o mesmo, a perspectiva temporal, local e contextual deve ser explicitada;
- d) todas as alternativas devem ser formuladas da mesma forma quanto a detalhes da descrição e atratividade da escolha;
- e) opiniões ou formas de comportamento que se repetem com regularidade devem ser atualizadas, perguntando-se sempre pelo último evento;
- f) cada pergunta deve referir-se apenas a um objeto ou fato;
- g) a pergunta deve ser concreta e específica, mas não demais, para permitir a comparação e generalização de respostas;
- h) o assunto da pergunta, sempre que possível, deve ser personalizado.

O Primeiro contato entre o entrevistado e o entrevistador é importante e básico para os resultados. Deve seguir os seguintes passos:

- 1 - Iniciar a entrevista com a apresentação do entrevistador.
- 2 - Esclarecer o sentido da pesquisa, apresentar as credenciais das pessoas, etc., para inspirar a confiança do entrevistado.
- 3 - Expor os motivos da investigação.
- 4 - Justificar a escolha do entrevistado.
- 5 - Garantir a anonimidade das respostas.
- 6 - Dar início à entrevista.
- 7 - "Aquecer" com perguntas que podem não se relacionar à pesquisa.
- 8 - Concluir também com perguntas fáceis e comportamentos agradáveis.

Questionário

→ Diferença entre questionário e entrevista:

Na entrevista, as respostas são formuladas verbalmente e se necessita do entrevistador; no questionário as respostas são formuladas por escrito e não se requer a presença do entrevistador.

A modalidade mais comum de questionário consiste em enviá-lo pelo correio. O envio postal requer certas precauções: a distribuição deve ser feita em conjunto dentro de um prazo curto; se procura fazer com que os questionários cheguem às mãos dos destinatários em fins de semana, para que tenham tempo de respondê-los. Não é conveniente enviar questionários em períodos festivos, por exemplo, no Natal, Ano Novo, etc., nem na época da colheita em zonas rurais. Junto com ele, deverá ser enviada uma carta, apresentando o pesquisador e a pesquisa, envelope selado e endereçado para resposta, dando um prazo prudente e agradecendo a resposta.

→ **Vantagens do questionário:**

- Com os mesmos gastos, pode-se abarcar maiores sujeitos do que na entrevista.
- Menos gastos com pessoal, tanto no adestramento como no trabalho de campo.
- Menor tempo para chegar a um maior número de pessoas.
- Maior liberdade de respostas, desde que se mantenham anonimadas as respostas.
- Menor perigo de distorções de respostas em função da influência do pesquisador.

→ **Desvantagens do questionário:**

- Risco que elevada percentagem não responda, o que diminui a representatividade dos resultados.
- Exclusão sistemática dos analfabetos.
- Impossibilidade de ajudar o informante quando não compreender as perguntas ou instruções.
- Demora na devolução.

→ **Preparação, redação e apresentação:**

Em muitos casos, o questionário constitui o instrumento único para estabelecer contato entre o pesquisador e as pessoas investigadas. A sua finalidade é “traduzir os objetivos da investigação em questões particulares”, ou seja, planejar uma série de perguntas que, respondidas pela pessoas interrogadas, permitam verificar as hipóteses preliminares ou estudar as questões propostas na investigação.

Devem ser assinaladas três qualidade essenciais de todo o questionário:

- adaptação ao objetivo da pesquisa;
- adaptação aos meios que possui para realizar o trabalho;
- precisão das informações num grau de exatidão suficiente e satisfatória para o objetivo proposto.

As perguntas devem ser formuladas com precisão, simplicidade, clareza, evitando falsas interpretações. Além disso, devem conter instruções e esclarecimentos suficientes para serem respondidas sem ajuda do inquiridor.

→ **Forma das perguntas:**

- Perguntas abertas

Exemplo: O que você pensa da Biblioteconomia como opção profissional para seu filho seguir?

- Perguntas fechadas ou dicotômicas

Exemplo: Você trabalha em bibliotecas?

() Sim () Não

- Perguntas de múltipla escolha

Exemplo: Que aspectos, entre os abaixo indicados, você considera os cinco mais importantes problemas a serem resolvidos dentro de uma biblioteca. Numere os parênteses correspondentes à sua opção, onde 5 = mais importante e 1 = menos importante, deixando os demais em branco:

- | | |
|------------------------------|-----------------------------------|
| () Falta de profissionais | () Iluminação insuficiente |
| () Falta de equipamentos | () Acervo desatualizado |
| () Falta de materiais | () Desinteresse dos usuários |
| () Desorganização do acervo | () Espaço reduzido para pesquisa |
| () Falta de auxiliares | () Falta de verbas |

Você se interessaria em participar do planejamento do programa de divulgação da sua profissão junto à comunidade?

- () sim, muito
- () sim
- () sim, pouco
- () não
- () não sei

Indique o seu grau de aprovação com a afirmativa abaixo:

“O hábito de leitura é condição necessária para o bem estar do indivíduo.”

→ O tipo de perguntas:

- Perguntas de fatos

- . Quantos livros você lê por semestre?
- . Qual a sua profissão?
- . Sexo
- . Idade
- . estado Civil

- Perguntas de ação

- . Você leu durante o fim de semana?
- . Você participou do seminário sobre mercado de trabalho?
Com que objetivos?

- Perguntas de intenção

- . Por que você participaria de um programa de divulgação da profissão de bibliotecário?
- . Você participaria de uma campanha de doações para a Biblioteca? Por que?

- Perguntas de opinião

- . Qual é, na sua opinião, a melhor maneira para melhorar a imagem que o profissional desfruta na comunidade?
- . Que tipo de espaço lhe parece mais adequado ao deficiente?

- Perguntas-índice ou perguntas-teste

São perguntas que se utilizam com a finalidade de obter informações sobre questões que suscitam receios na pessoa interrogada, ou que formuladas diretamente entram dentro da categoria de perguntas inaceitáveis. Mediante esse tipo de perguntas se estuda algo não de maneira direta, mas através de um “sintoma”, de um “índice” revelador do mesmo.

Por exemplo, para saber o lucro de uma empresa, pode-se perguntar:

- . quantidade de produtos elaborados
- . volume de vendas
- . volume a produção semanal, etc.

Ou, para saber o nível de vida, em lugar de perguntar quanto alguém ganha, coloca-se perguntas-índice:

- . possui automóvel?
- . tem casa própria?
- . tem televisor?
- . tem empregado(a)? Quanto(a)(s)?

Apesar de ser valioso nos casos de perguntas que diretas poderiam parecer indiscretas, tem como inconveniente o fato de que o pesquisador pode apontar determinados índices que podem não representar a realidade.

→ Escolha das perguntas

A escolha das perguntas está condicionada à natureza da informação que se deseja obter, ao nível sócio-cultural dos sujeitos, à mentalidade, características, preconceitos, tradições, conflitos, etc. da comunidade onde se realiza a entrevista, bem como limita-se pelas condições da pesquisa. Existem certas regras que orientam a seleção de perguntas:

- Devem ser incluídas somente perguntas que tenham relação direta com o problema em si, ou com a avaliação da metodologia empregada na investigação (controle).
- Não se deve incluir perguntas cujas respostas podem ser obtidas com mais exatidão em outras fontes de informação, exceto no caso em que se deseja empregá-la como comprovação da amostra ou na tabulação de novos dados recolhidos durante a investigação.
- Deve-se ter em conta os requisitos e necessidades estabelecidos nos planos de codificação ou tabulação da pesquisa.

- Dentro do possível, se procurará fazer com que os dados obtidos sejam comparáveis com outras pesquisas sobre temas semelhantes, usando sempre que possível as mesmas perguntas, terminologia, definições e unidades de medição. Isso permitirá a comparação com objetivos similares.
- As perguntas devem ser de tal natureza e forma que os indivíduos possam respondê-las sem maiores dificuldades.
- Deve-se evitar perguntas confidenciais, que tocam no íntimo das pessoas.
- Não se deve incluir perguntas que exijam excessivo trabalho dos respondentes.

→ **Formulação de perguntas**

- As perguntas devem ser claras, concretas e concisas, de modo que resultem de fácil compreensão para as pessoas a quem se dirigem. Não devem dar lugar a interpretações duvidosas ou falsas.
- Utiliza-se palavras conhecidas pelos respondentes.
Por exemplo: Você tem a planta da sua casa? (Planta-projeto, só que não foi especificado).
Entre as respostas: uma roseira, uma laranjeira, etc. Quem redige as perguntas deve colocar-se no lugar de quem vai respondê-las, dentro de seu mesmo marco de referência.
- Quando houver mais de uma alternativa, estas devem apresentar uma forma adequada que mostra a sua relação com a questão em estudo.
- As perguntas não devem sugerir respostas.
Por exemplo: Não lhe parece que as formas de divulgação da academia X estão erradas?
Em vez disso, pergunta-se: O que você acha do sistema de divulgação da academia X?
- Cada pergunta deve conter uma só idéia e refere-se a um só objeto, para evitar confusões.

→ **Estrutura das perguntas**

Por exemplo, num estudo sobre um filme, apresentado a 56 pessoas, durante 30 segundos. Imediatamente depois se perguntou a mesma questão a 56 pessoas, porém com perguntas apresentadas de formas diferentes, quatro com orientação objetiva e quatro de orientação subjetiva.

- De orientação objetiva:
 - 1 - Você viu uma X? (artigo indefinido)
 - 2 - Você viu a X? (artigo definido)
 - 3 - Você não viu uma X? (forma negativa, artigo indefinido)
 - 4 - Você não viu a X? (forma negativa, artigo definido)
- De orientação subjetiva:
 - 5 - Há uma X? (artigo indefinido)
 - 6 - Não há uma X? (forma negativa, artigo indefinido)
 - 7 - É uma X ou uma Z? (questão alternativa)
 - 8 - O sujeito é uma X? (questão sugestiva)

Depois de classificar as perguntas de acordo com o grau de exatidão das respostas, foi comprovado que a maior porcentagem de respostas exatas correspondem à pergunta nº 1 e a menor à pergunta nº 8. Essa experiência demonstra a importância da estruturação das perguntas, assim como a segurança das respostas de acordo com a redação das questões propostas.

→ **Número de perguntas**

O excesso de perguntas diminui a qualidade das respostas e aumenta a porcentagem de abstenções. Alguns autores estabelecem que não convém ultrapassar 30 perguntas, subdivididas em caso de serem necessárias sub-perguntas. Outras experiências pretendem demonstrar que o número de perguntas não constitui fator importante. O que é importante é ter-se em conta o grupo a que se dirige a pesquisa.

É evidente que um elevado número de perguntas pode fatigar o sujeito e reduzir a qualidade das respostas. O risco é menor quando as perguntas são fáceis de entender e de responder.

→ **Ordem das perguntas**

Deve-se ter cuidado para que uma pergunta não induza à resposta da seguinte.

Por exemplo, em 1939, perguntou-se ao povo americano:

- I - Você pensa que os Estados Unidos devem autorizar soldados americanos a alistarem-se no exército alemão?
- II - Você pensa que os Estados Unidos devem autorizar soldados americanos a alistarem-se no exército inglês ou no exército francês?

Entre as respostas:

Pergunta I sim - 22% não - 74% sem opinião - 4%

Pergunta II sim - 40% não - 54% sem opinião - 6%

Assim, contaminou-se a segunda pergunta, que era a que importava no momento, para a sondagem de opiniões, com a primeira pergunta, sem sentido para a pesquisa. Esta forma de ação está errada, não se pode contagiar as perguntas entre si contaminando as respostas.

→ Deformações nas respostas

Entre elas, deve-se observar que existem três tipos:

- deformação conservadora: tendência a responder sim
temor de mudanças
- efeito de certas palavras e submissão a estereótipos
- influência das personalidades: prestígio positivo e negativo
simpatia e antipatia

→ Apresentação do questionário

- Carta de apresentação, explicando a finalidade, pedindo a colaboração, identificando para que servirá a pesquisa, dizendo que será mantido sigilo das respostas, que não há identificação do respondente, etc.
- Questionário.
- Envelope sela e endereçado para resposta.

Como foi até aqui exposto, há uma variedade de técnicas para coletar dados, utilizáveis a partir do tipo de problema e objetivos que o pesquisador tiver em mente. A inadequação da técnica selecionada poderá acarretar o descrédito de toda a investigação, sendo uma das falhas metodológicas mais graves que podem ocorrer.

Por isso, o ideal é que, antes de definir-se por uma delas, o iniciante em pesquisa busque informar-se e orientar-se junto a pesquisadores credenciados, especialmente os que realizam pesquisas na mesma área-problema da investigação a ser planejada.

8 ABORDAGENS QUALITATIVAS DA PESQUISA: A PESQUISA ETNOGRÁFICA E O ESTUDO DE CASO

Embora seja uma metodologia que vem sendo utilizada desde a década de 1980, há uma certa confusão na nomenclatura: pesquisas qualitativas, etnográficas, naturalistas, participantes, estudo de caso, estudo de campo, pesquisa-ação, mesmo que não sejam equivalentes, são utilizadas em alguns casos como sinônimos, o que é errado.

Neste sentido, LUDKE ; ANDRE (1986), adaptando as referências apresentadas por BOGDAN & BIKLEN*, indicam as seguintes características básicas de uma pesquisa qualitativa:

- a) **tem o ambiente natural como sua fonte e o pesquisador como seu principal instrumento:** baseia-se no contato direto e longo do pesquisador com o ambiente e a situação investigada, quase sempre como trabalho de campo, não havendo qualquer manipulação intencional do pesquisador. Este tipo de pesquisa qualitativa denomina-se estudo naturalístico. Nessa perspectiva, a situação é influenciada diretamente pelo contexto. As circunstâncias particulares em que se insere o objeto são essenciais para sua compreensão: “Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas, devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem (LUDKE ; ANDRE, 1986, p.11);
- b) **os dados são predominantemente descritivos:** envolvem descrições de pessoas, situações, acontecimentos, transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de diferentes tipos de documentos: “Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. Todos os dados da realidade são considerados importantes (LUDKE; ANDRE, 1986 p.12). O pesquisador deve, assim, estar atento, pois um aspecto trivial pode ser essencial para compreender o problema em estudo;
- c) **a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto:** o pesquisador busca compreender como o problema se manifesta na interação cotidiana, para poder analisar a complexidade do dia-a-dia;
- d) **o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção para o pesquisador:** há sempre a tentativa de registrar a perspectiva dos participantes, ou seja, como os informantes encaram as questões que estão sendo discutidas. Considerando-se os diferentes pontos de vista internos, analisa-se o dinamismo da situação. O pesquisador deve checar as informações, discutindo-as com os sujeitos ou confrontando-as com outras pesquisas para que possam ou não ser confirmadas;
- e) **a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo:** não há preocupação com evidências que confirme as hipóteses pré-estabelecidas: “As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima” (LUDKE & ANDRE, 1986, p.13). Os autores esclarecem, ainda, que, pelo fato de não existirem hipóteses ou perguntas prévias, isso não significa a inexistência de um quadro teórico que oriente a coleta e a análise dos dados.**

Definidas as características básicas de uma abordagem qualitativa, citam-se, como os seus dois tipos de investigação mais utilizados, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso, a seguir detalhados.

8.1 A Pesquisa Etnográfica

A simples realização de uma pesquisa-participante não significa que a mesma seja etnográfica, que, em síntese, é um estudo que envolve a descrição dos significados culturais de determinados grupos.

Há critérios básicos para sua utilização, caracterizados no esquema a seguir:

* BOGDAN R. ; BIKLEN, S.K. Qualitative Research for Education. Boston, Allyn and Bacon, 1982.

** Para aprofundar questões sobre abordagens qualitativas, ver LUDKE; ANDRÉ, 1986, capítulos 3 e 4.

Critérios Básicos Para a Aplicação da Abordagem Etnográfica

Critérios	Descrição
1. O problema é redescoberto no campo.	O pesquisador evita rigidez de definições e hipóteses apriorísticas. Procura envolver-se na situação e rever o problema inicial. O planejamento existe, mas é flexível em relação à realidade.
2. O pesquisador realiza a maior parte do trabalho de campo pessoalmente.	O pesquisador deve ter ele próprio a experiência direta com a situação em estudo. O auxiliar de pesquisa é secundário, por mais útil que possa ser.
3. O trabalho de campo deve ter uma duração razoável em relação à realidade observada.	É necessária uma longa e intensa imersão na realidade para melhor entender as regras, os costumes e as conveniências que dirigem a vida do grupo estudado.
4. O pesquisador deve ter tido experiência com outros povos ou culturas.	O contraste entre culturas ajuda a compreender o sentido que o grupo estudado atribui às suas experiências.
5. O pesquisador combina vários métodos de coleta.	A partir da observação direta do grupo e entrevistas com os informantes, há a conjugação com levantamentos, história de vida, testes psicológicos, vídeos, fotografias e outros, que podem ampliar a compreensão da situação estudada.
6. O relatório etnográfico inclui grande quantidade de dados primários.	Além de descrever a situação, inclui-se o material produzido pelos informantes: histórias, canções, frases, desenhos, etc., que contribuem para ilustrar a perspectiva dos participantes, ou seja, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações.

Logo, nem todos os estudos qualitativos são etnográficos. A etnografia, como “ciência da descrição cultural”, envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação dos dados” (LUDKE ; ANDRE, 1986, p.15).

Os estudos etnográficos baseiam-se em dois pressupostos do comportamento humano:

- . que o comportamento humano é bastante influenciado pelo contexto em que está inserido, e qualquer tipo de pesquisa que desloca o indivíduo de seu ambiente natural nega essa influência, não permitindo a compreensão do fenômeno em sua globalidade;
- . que é praticamente impossível compreender o comportamento humano sem entender o quadro referencial em que os sujeitos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações.

Assim, o pesquisador deve preocupar-se em compreender os significados manifestos e latentes dos comportamentos dos indivíduos, aos quais alia a sua própria visão objetiva do fenômeno. Nesse sentido, o pesquisador é ao mesmo tempo participante e observador.

8.1.1 As Etapas de Realização de Pesquisas Etnográficas

Não há propriamente um modelo para isso. O mais usual é a realização do trabalho em três etapas: exploração, decisão e descoberta, na formulação do autor:

1ª. fase: Exploração

Inclui a seleção e definição do problema, a escolha do local e o estabelecimento de contatos para entrar em campo. São também incluídas as primeiras observações, a fim de melhor se compreender a realidade e selecionar os aspectos mais significativos a serem aprofundados. Não há necessidade que o problema esteja previamente vinculado a uma linha teórica e nem que hajam hipóteses formuladas. É suficiente que o pesquisador possua um esquema conceitual que sirva de base para levantar algumas questões relevantes. Isso orientará o processo e a formulação de novas hipóteses. O pesquisador, no decorrer do trabalho, pode modificar os seus problemas ou hipóteses durante o processo de investigação.

2ª. fase: Decisão

Envolve a seleção dos dados mais significativos para compreender a realidade. Envolve-se aí a descoberta das estruturas de significado dos participantes em suas diferentes formas de expressão, forma e conteúdo de interação verbal com o pesquisador, comportamento não-verbal, padrões de ação e não-ação, traços, registros de arquivos e documentos. É nesse momento que o pesquisador seleciona os dados necessários para obter respostas às suas indagações, ao mesmo tempo em que busca os meios para obtê-los.

3ª. fase: Explicação

Consiste na busca dos princípios subjacentes ao fenômeno e em situá-los num contexto mais amplo. Envolve o desenvolvimento de teorias, busca de testes de hipóteses, relacionamento entre os dados obtidos e as explicações teóricas, etc. Busca também os dados discordantes dentro da realidade, procurando evidências positivas e negativas que reduzam a inferência e julgamento na observação participante.

8.1.2 O Papel do Observador na Pesquisa Etnográfica

Há características essenciais para o pesquisador, como tolerância, inspirar confiança, sensibilidade, auto-comprometimento, autodisciplina, maturidade, consistência, fazendo-se aceito pelo grupo e digno da confiança dele.

Tais exigências são necessárias mas não suficientes. O essencial é que ele possua um arcabouço teórico próprio, a partir do qual ele consiga reduzir o fenômeno em seus aspectos mais importantes e que tenha domínio metodológico para análise da realidade, podendo compreendê-la e interpretá-la com segurança.

8.2 O Estudo de Caso

Como o título sugere, trata-se do estudo de um caso, que pode ser um político, um artista, ou alguma situação singular, que tem valor em si mesma. Embora nem todos os estudos de caso sejam qualitativos, os que assim se definem dependem das características a seguir relacionadas.

- a) **visam à descoberta:** mesmo baseando-se em pressupostos teóricos iniciais, o pesquisador deve buscar sempre a descoberta de novos elementos que possam surgir. A teoria é aberta e à ela podem ser acrescentados novos elementos. O pressuposto básico é de que o conhecimento não é algo pronto, mas sim que está sujeito a ser refeito constantemente;
- b) **ênfaticam a interpretação do contexto:** para localizar o objeto da pesquisa é básico conhecer o contexto onde o mesmo está inserido;
- c) **retratam a realidade o mais aprofundadamente possível:** o pesquisador busca conhecer a multiplicidade de dimensões do problema, focalizando-o como um todo, evidenciando a inter-relação dos componentes;
- d) **usam diferentes fontes de informação:** os dados são buscados em diferentes momentos, situações e informantes, de modo que o pesquisador possa cruzar os dados, confirmando ou rejeitando hipóteses, descobrindo novos dados, afastando suposições e levantando hipóteses alternativas;

- e) **revelam experiências próprias do investigador e permitem generalizações naturalísticas:** o pesquisador relata as suas experiências durante o estudo de tal modo que o leitor possa fazer suas generalizações naturalísticas. “Ao invés de perguntar: este caso é representativo do quê?, o leitor vai indagar: o que eu posso aplicar deste caso na minha situação?” (LUDKE & ANDRE, 1986, p.19). A generalização naturalística ocorre em função do conhecimento experiencial do sujeito, ao associar dados do estudo com suas experiências pessoais;
- f) **representam os diferentes e conflitantes pontos de vista numa situação social:** quando suscitar opiniões divergentes, o pesquisador busca estudar essa divergência, incluindo também o seu próprio ponto de vista sobre a questão. As conclusões sobre tais aspectos contraditórios, fica a cargo do tirá-las.
- g) **utilizar linguagem e forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa:** os dados podem ser apresentados em diferentes formas, como desenhos, dramatizações, fotografias, colagens, discussões, etc. O relato escrito é informal, narrativo, ilustrado por citações, exemplos, descrições. A transmissão é clara, bem articulada e num estilo próximo ao da experiência pessoal do leitor.

Na realização de um estudo de caso, são seguidas as seguintes etapas:

1ª. fase: Exploratória

O estudo começa com um plano incipiente, que se delinea à medida em que o estudo se desenvolve. Podem existir alguns pontos ou questões que vão se explicitando, reformulando ou abandonando na medida em que se mostram mais ou menos relevantes. Eles têm origem tanto na revisão da literatura, como podem basear-se nas observações do pesquisador ou de outros especialistas, conversas, etc.

2ª. fase: Delimitação do estudo

Identificados os pontos-chave, passa-se à coleta de dados, com instrumentos e técnicas mais ou menos estruturadas, escolhidas e determinadas pelas características do objeto estudado.

3ª. fase: Análise sistemática e elaboração do relatório

As informações são reunidas e colocadas à disposição dos informantes para as discutirem. Isto pode ser apresentado por escrito, apresentações visuais, auditivas, etc.

8.3 A análise de dados, objetividade e validade das abordagens qualitativas

Entre os procedimentos sugeridos para orientar a análise dos dados coletados, indicam-se:

- 1) A delimitação progressiva do foco de estudo;
- 2) A formulação de questões analíticas;
- 3) O aprofundamento da revisão da literatura;
- 4) A testagem de idéias junto aos sujeitos; e
- 5) O uso extensivo de comentários, observações e especulações ao longo da coleta.

A decisão sobre quais devem ser os focos específicos da investigação é feita aos poucos, através do confronto entre o que se pretende com a pesquisa e as particularidades da situação. O importante é que essa decisão não seja deixada para o final.

É importante a formulação de questões ou proposições específicas, em torno das quais a atividade de coleta de dados possa ser sistematizada. Formulando questões analíticas fica possibilitada a articulação entre a teoria e a realidade.

O aprofundamento da revisão da literatura antes do final da pesquisa ajuda muito a análise.

Relacionar as descobertas feitas durante o estudo com a literatura colabora na tomada de decisões seguras sobre a direção do estudo.

A testagem de idéias junto aos sujeitos é aconselhável. Os informantes muitas vezes podem defender os seus próprios interesses, por isso é importante checá-las.

O registro de comentários, observações e sentimentos do próprio pesquisador podem servir para explicar determinados incidentes. É importante que o inusitado seja registrado de imediato, fornecendo elementos substanciados para o esclarecimento de questões importantes.

E, quando a coleta de dados está concluída, parte-se para a análise final. Para isso, constrói-se um conjunto de categorias descritivas, feito a partir do referencial teórico. Para formular essas categorias, é importante a leitura e releitura do material, até compreender o conjunto, analisá-lo e sintetizá-lo nas categorias. Finalmente, pode-se partir à teorização dos elementos estudados na abordagem qualitativa.

Concluindo, salienta-se que, no caso da pesquisa qualitativa, os valores éticos e morais do pesquisador devem ser ilibados. Na integração com os dados, na subjetividade, na confiança dos indivíduos, a extrema discrição, respeito ao ser humano e justiça de caráter são, efetivamente, as bases para a investigação.

ANEXOS

Anexo A

Modelo de Capa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

**CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO
ESTADO PARA O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-
CULTURAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

JOSÉ DOS REIS SALGADO

PORTO ALEGRE, 1994

Anexo B

Modelo de Folha de Rosto

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO

**CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO PARA O
DESENVOLVIMENTO SÓCIO-CULTURAL DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

JOSÉ DOS REIS SALGADO

Trabalho apresentado como pré-requisito para conclusão
do Curso de Especialização em Bibliotecas Públicas,
FABICO/UFRGS, 1994.

PORTO ALEGRE, 1994

Anexo C

Roteiro Para Avaliação de Pesquisas Bibliográficas

Indicadores	Sim	Não
<p>1 Título do Artigo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diz do que trata o artigo? - É conciso, com poucas palavras, claras e precisas? - É adequado ao problema tratado? <p>2 Contexto do Problema</p> <ul style="list-style-type: none"> - É relevante na área do tema? - É apresentado na forma de pergunta? - Estabelece uma relação entre no mínimo duas variáveis? - É passível de verificação empírica? - Mostra os benefícios que trará para a área temática? <p>3 Estrutura do Artigo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identifica-se uma introdução, com justificativa e o problema? - No desenvolvimento são feitas as citações pertinentes? - Identificam-se as conclusões a respeito do problema no desenvolvimento? - Apresenta uma seção de conclusão sintetizando o que já foi exposto? <p>4 Normalização do Trabalho</p> <ul style="list-style-type: none"> - As citações apresentam as fontes de onde foram extraídas? - As margens direita, esquerda, superior e inferior estão corretas? - Há distinção entre títulos, capítulo, itens e sub-itens, no que se refere à apresentação gráfica? - A bibliografia segue as normas da ABNT? <p>5 Redação do Artigo</p> <ul style="list-style-type: none"> - A leitura é agradável, pela clareza, encadeamento e simplicidade dos termos utilizados? - Os parágrafos são curtos, concisos e precisos? - A linguagem é impessoal, sem subjetividade no uso de termos? - O autor responsabiliza-se pelos seus pontos de vista? - A linguagem é científica, não caindo no supérfluo ou coloquial? - Os termos utilizados são de uso sistemático, sem modismos ou gírias? - Ao concluir a leitura, percebe-se que algo de novo foi dito pelo autor? - O artigo demonstra que o autor pode ser credenciado como um pesquisador? - A leitura estimula a busca de outros artigos do mesmo autor? 		

Anexo D

Roteiro de um Projeto de Ação

Quanto à estrutura de um projeto de ação, ou seja, aquele que visa a implantação de novas ações, mudanças, inovações, faz-se através de projetos, ou seja, mediante a elaboração de uma síntese que caracterize todos os objetivos, finalidades, fases e avaliação da reforma pretendida. É um detalhamento ordenado das atividades previstas para o alcance de metas afins a um objetivo específico, com estimativa dos custos necessários e benefícios a serem alcançados com a sua realização. Do projeto, devem constar:

- . Identificação
- . Justificativa
- . Objetivos - geral e específicos
- . Metas
- . Fases e tarefas
- . Cronograma
- . Previsão dos recursos necessários
- . Avaliação
- . Bibliografia

1 Identificação

A identificação do projeto apresenta todos os elementos indispensáveis à sua caracterização e vinculação institucional.

- 1.1 Entidade
- 1.2 Unidade Universitária
- 1.3 Dirigentes
- 1.4 Órgão executor do projeto
- 1.5 Coordenador/executor do projeto
- 1.6 Endereço
- 1.7 Equipe de trabalho
- 1.8 Fonte financiadora
- 1.9 Previsão orçamentária global

Além destes, outros itens podem ser acrescentados, para a melhor compreensão possível do conjunto.

2 Introdução

A introdução deverá possibilitar uma visão sintética do projeto, demonstrando, entre outros, os seguintes aspectos:

- a) O projeto a ser desenvolvido é coerente com os objetivos da instituição a que se vincula.
- b) O projeto faz parte do planejamento, fins e objetivos da instituição a que se vincula, prevendo objetivamente como se dará a integração da unidade executora ao órgão que coordenará as atividades.
- c) O projeto foi elaborado a partir do diagnóstico da situação e necessidades da organização, sendo ressaltado o que representará para a mesma, em curto, médio e longo prazo.

3 Justificativa

A justificativa deve caracterizar a situação real, obedecendo os seguintes critérios:

- identificar os resultados de projetos anteriores que caracterizem a sua continuidade;
- descrever a situação existente a ser modificada pela execução do projeto, utilizando dados que retratem o problema de maneira precisa. Na própria justificativa deve ser incluído o referencial teórico utilizado (revisão da literatura) ou, se o autor julgar mais pertinente, este deve ser apresentado como um item à parte.

A justificativa compreende:

3.1 Diagnose

Envolve o levantamento, análise e interpretação dos dados e informações sobre o problema que provocou a montagem do projeto de ação.

Mostra como o problema vem sendo administrado, quando se iniciou, etc. Se necessário, colocar como anexos documentos que esclareçam tal situação (atas, regulamentos, etc.).

Apresenta, em uma visão global, como as ações vêm sendo realizadas, qual a integração da instituição com outros órgãos da área, etc.

Enfim, a diagnose constitui-se na síntese dos principais aspectos da situação atual onde se situa o problema.

3.2 Prognose

Inclui a projeção da situação vigente, tanto em seus aspectos quantitativos como qualitativos. Esta fase não resulta apenas de simples projeções estatísticas das tendências anteriores. Ela deve ser sobretudo o resultado da configuração de uma imagem da situação desejada, que seja coerente com os delineamentos da política da organização.

3.3 Solução Proposta

Com base na diagnose e prognose, identifica a ação empreendida e sua significação em termos de ação global, contendo não só o resultado específico, como também os benefícios decorrentes dessa ação.

Dependendo da abrangência e profundidade do projeto, a justificativa poderá ser apresentada globalmente, sem a subdivisão entre os três itens aqui apresentados.

4 Objetivos do Projeto

4.1 Objetivo Geral

Deverá explicar, de modo claro, preciso e sem ambigüidade, os fins pretendidos com a execução do projeto, tendo em vista o problema diagnosticado.

4.2 Objetivos específicos

Derivam do objetivo geral e apresentam ações que devem ser necessariamente desenvolvidas pelo projeto, para alcance do objetivo geral.

5 Metas

As metas traduzem os objetivos específicos do projeto em resultados quantificáveis ou observáveis a se obter em prazos definidos, e, sempre que possível, localizados.

6 Fases

6.1 Discriminação e Descrição das Atividades

A discriminação consiste na listagem seqüencial e lógica das principais ações relativas às metas do projeto/atividade e que identificam resultados parcelados significativos na evolução do processo.

Na descrição deverá ser explicado o conteúdo de cada fase, esclarecendo o que e como deve ser feito e qual o resultado parcial a ser obtido.

6.2 Cronograma

O cronograma deve representar graficamente as fases discriminadas para o período especificando-se o tempo prevista para sua respectiva realização.

7 Interação Estrutural

Este item deverá ser incluído sempre que houver duas ou mais instituições/unidades envolvidas na execução do projeto. É, logo, dispensada em casos de um só órgão executor.

7.1 Descrição

Neste item deverão ser identificados e descritos os níveis de responsabilidade dos principais órgãos envolvidos na execução das fases, destacando-se coordenação da execução, execução propriamente dita, suporte (financeiro, administrativo, material e outros) e Participação em termos de diferentes formas de colaboração

7.2 Matriz Interação Estrutural

Com base na descrição anterior, deverá ser montada a matriz, que permitirá a visualização gráfica das diferentes formas de interação em cada fase.

8 Mecanismos e Normas de Execução

Neste item devem ser descritos:

- os mecanismos que serão utilizados para execução das metas do projeto/atividade (convênios, acordos, grupos de trabalho, comissões, etc.);
- as normas processuais que devem orientar a ação a ser desenvolvida pelo projeto/atividade (critérios estabelecidos, diretrizes, etc.).

9 Previsão de Recursos

A previsão de recursos necessários para o projeto deverá ser apresentada de forma global incluindo a participação de cada fonte, discriminados em: humanos, materiais, físicos, equipamentos, instalações, serviços, espaço físico e outros, conforme as necessidades próprias de cada projeto. No caso de recursos financeiros, devem ser apontados os valores de cada item, bem como indicada a fonte financiadora.

Outro aspecto importante a ressaltar é a necessidade que sejam indicados os recursos existentes e os que devem ser providenciados.

Quanto mais detalhado estiver este item, maiores chances terá o projeto de aprovação pelas entidades responsáveis.

10 Avaliação

Sendo a avaliação um processo contínuo, que existe a partir do instante que nasce a idéia de um projeto, até o dia em que seus efeitos e resultados não possam ser ligados ou atribuídos a este mesmo projeto, deve, pois, ser integrada ao planejamento, à execução e à conclusão de cada uma das partes que o compõem.

11 Bibliografia

A bibliografia deve incluir todas as fontes que serviram de base teórica e referencial para a montagem do projeto.

Anexo E

Tabela de Números Aleatórios

03 47 43 73 86	36 96 47 36 61	46 98 63 71 62	33 26 16 80 45	60 11 14 10 95
97 74 24 67 62	42 81 14 57 20	42 53 32 37 32	27 07 36 07 51	24 51 79 89 73
16 76 62 27 66	56 50 26 71 07	32 90 79 78 53	13 55 38 58 59	88 97 54 14 10
12 56 85 99 26	96 96 68 27 31	05 03 72 93 15	57 12 10 14 21	88 26 49 81 76
55 59 56 35 64	38 54 82 46 22	31 62 43 09 90	06 18 44 32 53	23 83 01 30 30
16 22 77 94 39	49 54 43 54 82	17 37 93 23 78	87 35 20 96 43	84 26 34 91 64
84 42 17 53 31	57 24 55 06 88	77 04 74 47 67	21 76 33 50 25	83 92 12 06 76
63 01 63 78 59	16 95 55 67 19	98 10 50 71 75	12 86 73 58 07	44 39 52 38 79
33 21 12 34 29	78 64 56 07 82	52 42 07 44 38	15 51 00 13 42	99 66 02 79 54
57 60 86 32 44	09 47 27 96 54	49 17 46 09 62	90 52 84 77 27	08 02 73 43 28
18 18 07 92 46	44 17 16 58 09	79 83 86 19 62	06 76 50 03 10	55 23 64 05 05
26 62 38 97 75	84 16 07 44 99	83 11 46 32 24	20 14 85 88 45	10 93 72 88 71
23 42 40 64 74	82 97 77 77 81	07 45 32 14 08	32 98 94 07 72	93 85 79 10 75
52 36 28 19 95	50 92 26 11 97	00 56 76 31 38	80 02 02 53 53	86 60 42 04 53
37 85 94 35 12	83 39 50 08 30	42 34 07 96 88	54 42 06 87 98	35 85 29 48 39
70 29 17 12 13	40 33 20 38 26	13 89 51 03 74	17 76 37 13 04	07 74 21 19 30
56 62 18 37 35	96 83 50 87 75	97 12 25 93 47	70 33 24 03 54	97 77 46 44 80
99 49 57 22 77	88 42 95 45 72	16 64 36 16 00	04 43 18 66 79	94 77 24 21 90
16 08 15 04 72	33 27 14 34 09	45 59 34 68 49	12 72 07 34 45	99 27 72 95 14
31 16 93 32 43	50 27 89 87 19	10 15 37 00 49	52 85 66 60 44	38 68 88 11 80
68 34 30 13 70	55 74 30 77 40	44 22 78 84 26	04 33 46 09 52	68 07 97 06 57
74 57 25 65 76	59 29 97 68 60	71 91 38 67 54	13 58 18 24 76	15 54 55 95 52
27 42 37 86 53	48 55 90 65 72	96 57 69 36 10	96 46 92 42 45	97 60 49 04 91
00 39 68 29 61	66 37 32 20 30	77 84 57 03 29	10 45 65 04 26	11 04 96 67 24
29 94 98 94 24	68 49 69 10 82	53 75 91 93 30	34 25 20 57 27	40 48 73 51 92
16 90 82 66 59	83 62 64 11 12	67 19 00 71 74	60 47 21 29 68	02 02 37 03 31
11 27 94 75 06	06 09 19 74 66	02 94 37 34 02	76 70 90 30 86	38 45 94 30 38
35 24 10 16 20	33 32 51 26 38	79 78 45 04 91	16 92 53 56 16	02 75 50 95 98
38 23 16 86 38	42 38 97 01 50	87 75 66 81 41	40 01 74 91 62	48 51 84 08 32
31 96 25 91 47	96 44 33 49 13	34 86 82 53 91	00 52 43 48 85	27 55 26 89 62
66 67 40 67 14	64 05 71 95 86	11 05 65 09 68	78 83 20 37 90	57 16 00 11 66
14 90 84 45 11	75 73 88 05 90	52 27 41 14 86	22 98 12 22 08	07 52 74 95 80
68 05 51 18 00	33 96 02 75 19	07 60 62 93 55	59 33 82 43 90	49 37 38 44 59
20 46 78 73 90	97 51 40 14 02	04 02 33 31 08	39 54 16 49 36	47 95 93 13 30
64 19 58 97 79	15 06 15 93 20	01 90 10 75 06	40 78 78 80 62	02 67 74 17 33
05 26 93 70 60	22 35 85 15 13	92 03 51 59 77	59 56 78 06 83	52 91 05 70 74
07 97 10 88 23	09 98 42 99 64	61 71 62 99 15	06 51 29 16 93	58 05 77 09 51
68 71 86 85 85	54 87 66 47 54	73 32 08 11 12	44 95 92 63 16	29 56 24 29 48
26 99 61 65 53	58 37 78 80 70	42 10 50 67 42	32 17 55 85 74	94 44 67 16 94
14 65 52 68 75	87 59 36 22 41	26 78 63 06 55	13 08 27 01 50	15 29 39 39 43
17 53 77 58 71	71 41 61 50 72	12 41 94 96 26	44 95 27 36 99	02 96 74 30 83
90 26 59 21 19	23 52 23 33 12	96 93 02 18 39	07 02 18 36 07	25 99 32 70 23
41 23 52 55 99	31 04 49 69 96	10 47 48 45 88	13 41 43 89 20	97 17 14 49 17
60 20 50 81 69	31 99 73 68 68	35 81 33 03 76	24 30 12 48 60	18 99 10 72 34
91 25 38 95 90	94 58 28 41 36	45 37 59 03 09	90 35 57 29 12	82 62 54 65 60
34 50 57 74 37	98 80 33 00 91	09 77 93 19 82	74 94 80 04 04	45 07 31 66 49
85 22 04 39 43	73 81 53 94 79	33 62 46 86 28	08 31 54 46 31	53 94 13 38 47
09 79 13 77 48	73 82 97 22 21	05 03 27 24 83	72 89 44 05 60	35 80 39 94 88
88 75 80 18 14	22 95 75 42 49	39 32 82 22 49	02 48 07 70 37	16 04 61 67 87
90 96 23 70 00	39 00 03 06 90	55 85 78 38 36	94 37 30 69 32	90 89 00 76 33

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACKOFF, Russel L. **Planejamento da Pesquisa Social**. São Paulo, Herder/EDUSP, 1967.
2. ALFONSO, Juan Maestu. **La investigación en antropología social**. Madrid, Akae, 1974.
3. ANDA, Enrique; IGLESIAS, José Roberto. **Pesquisa Científica e Desenvolvimento Econômico na América Latina**. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRGS, 1983. (Textopara Discussão, 10)
4. ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social para trabajadores sociales**. 7.ed. Buenos Aires, Humanitas, 1978.
5. ARAUJO, Manuel Mora y et alii. **El analisis de datos en la investigación social**. Buenos Aires, Nueva Vision, 1973.
6. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Apresentação de Artigos de Periódicos: procedimento, NBR 6022**. [Rio de Janeiro] 1978.
7. _____. **Apresentação de Livros e Folhetos: procedimento, NBR 6029**. [Rio de Janeiro] 1993.
8. _____. **Apresentação de Dissertações e Teses: procedimento, Projeto 14:02.02.002**. [Rio de Janeiro] 1984.
9. _____. **Apresentação de Relatórios Científicos: procedimento, NBR 10719**. Rio de Janeiro, 1989. 17p.
10. _____. **Referências Bibliográficas: procedimento, NBR 6023**. [Rio de Janeiro] 1989.
11. ASTI VERA, Armando. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Porto Alegre, Globo, 1976.
12. BAQUERO, Godeardo. **Métodos de Pesquisa Pedagógica**. São Paulo, Loyola, 1970.
13. BARBOSA FILHO, Manuel. **Introdução à Pesquisa: métodos, técnicas e instrumentos**. 2.ed. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1980.
14. BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições Setenta, 1979.
15. BARRAS, Robert. **Os Cientistas Precisam Escrever: guia de redação para cientistas, engenheiros e estudantes**. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1979.
16. BARROS, Aidil; LENFELD, Neide. **Projeto de Pesquisa: pressupostos metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 1990.
17. BARZUN, Jacques; GRAFF, Henry. **The Modern Researcher**. 8.ed. New York, Harcourt Brace Jovahonich, 1977.
18. BASTOS, Lília da Rocha et alii. **Manual para a Elaboração de Projetos e Relatórios de Pesquisa, Teses e Dissertações**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
19. BELCHIOR, Procópio G.O. **O Planejamento e Elaboração de Projetos**. Rio de Janeiro. Cia. Ed. Americana, 1972.
20. BLALOCK JR., H.M. **Introdução à Pesquisa Social**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

21. BOUDON, Raymond et alii. **Metodologia de las ciencias sociales**. 2.ed. Barcelona, 1979.
22. BUNGE, Mário. **La investigación científica**. Barcelona, Ediciones Ariel, 1969.
23. _____. **Teoria e Realidade**. São Paulo, Perspectivas, 1974.
24. _____. **La ciencia, su método y su filosofía**. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1974.
25. _____. **Epistemologia**; curso de atualização. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1980.
26. _____. **Ciência e Desenvolvimento**. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.
27. CASTRO, Cláudio de Moura. **A Prática da Pesquisa**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.
28. _____. **Estrutura e Apresentação de Publicações Científicas**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.
29. CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro. **Metodologia Científica para Uso de Estudantes Universitários**. 2.ed. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.
30. COHEN, Morris; NAGEL, E. **Introducción a la logica y al metodo científico**. 2.ed. Buenos Aires, Amorrortu, 1971.
31. COPI, Irwin M. **Introdução à Lógica**. São Paulo, Mestre Jou, 1974.
32. DANIELLI, Irene. **Roteiro de Estudo de Metodologia Científica**. Brasília, Horizonte, 1980.
33. DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo, Atlas, 1981.
34. DUVERGER, Maurice. **Ciência e Política: teoria e método**. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
35. EINSTEIN, A. **Como Vejo o Mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
36. ENGELS, Friederich. **Dialética da Natureza**. 2.ed. Lisboa, Presença; São Paulo, Martins Fontes, 1978.
37. FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia e Técnicas da Pesquisa Social**. Campinas, IPPACC, 1972. (v.1).
38. _____. **Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1982.
39. FLUSSER, Victor. O Bibliotecário Animador; considerações sobre sua formação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.11, n.2, p.230-236, set.1982.
40. FOX, David. **The Research Process in Education**. New York, Rinehardt & Wiston, 1969.
41. GALILEO GALILEI. O Ensaaiador. In: OS PENSADORES. 2.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
42. GALLIANO, A. Guilherme (Org.). **O Método Científico**; teoria e prática. São Paulo, Herpe & Row do Brasil, 1979.
43. GATTI, Bernardete A.; FERES, Nagib Lima. **Estatística Básica para Ciências Humanas**. São Paulo, Ed. Alfa-Omega, 1978.

44. GOLDBOR, Herbert. **Pesquisa Científica em Biblioteconomia e Documentação**. Brasília, LIPA, 1973.
45. GOODE, William; HATT, Paul. **Métodos em Pesquisa Social**. Trad. Carolina M. Bori. São Paulo, Nacional, 1960.
46. HEGENBERG, Leônidas. **Etapas da Investigação Científica**. São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, USP, 1970.
47. HOLANDA, Nilson. **Planejamentos e Projetos: uma introdução às técnicas do planejamento e elaboração de projetos**. 2.ed. Rio de Janeiro, APEC, 1975.
48. IGLESIAS, José Roberto. **Ciência Dependente**. Porto Alegre, Editora da Universidade, UFRGS, 1983. (Texto para Discussão, 15)
49. KAUFMANN, Felix. **Metodologia das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
50. KERLINGER, F. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**. Trad. Helena Mendes Rotundo. São Paulo, EPU/EDUSP, 1965.
51. KREMER, Jeanette. A Técnica do Incidente Crítico. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.9, n.2, p.165-176, set. 1980.
52. KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7.ed. Vozes, Petrópolis, 1982.
53. LÜDKE, Neuza; ANDRÊ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EDUSP, 1986.
54. LUNGARDO, Carlos. **O Que É Ciência**. São Paulo, Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos n.220).
55. MANZO, Abelardo J. **Manual para la preparación de monografías; un guía para presentar informes y teses**. Buenos Aires, Editorial Humanitas, 1971.
56. MARTINS, Joel; CELANI, Maria Antonieta. **Subsídio para Redação de Teses de Mestrado e de Doutorado**. 2.ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
57. MATOS, Francisco Gomes de. O Cientista como Citador. **Ciência e Cultura**, v.37, n.12, dez.1985.
58. NAGEL, Ernest. **La estructuración de la ciencia; problemas de la logica de investigación científica**. 3.ed. Buenos Aires, Paidós, 1978.
59. NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social; introdução às suas técnicas**. São Paulo, Nacional, USP, 1968.
60. POPPER, Karls. **A Lógica da Pesquisa Científica**. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1975.
61. REX, John. **Problemas Fundamentais da Teoria Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
62. REY, Luiz. **Como Redigir Trabalhos Científicos**. São Paulo, Edoard Blücher, 1978.
63. RICHARDSON, Roberto et alii. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo, Atlas, 1985.
64. RODRIGUES, Aroldo. **A Pesquisa Experimental em Psicologia e Educação**. 2.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1976.

65. RUDIO, Franz. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 8.ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
66. RUMMEL, Francis. **Introdução aos Procedimentos de Pesquisa em Educação**. Porto Alegre, Globo, 1972.
67. SALOMON, Delcio Vieira. **Como Fazer uma Monografia**; elementos de metodologia do trabalho científico. 3.ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1973.
68. SALVADOR, Angelo Domingos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica**; elaboração de trabalhos científicos. 8.ed. Porto Alegre, Sulina, 1980.
69. SCHRADER, Achim. **Introdução à Pesquisa Social Empírica**. Trad. Manfredo Berger. Porto Alegre, Globo, 1974.
70. SELLTIZ, Claire et alii. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo, Herder/EDUSP, 1971.
71. SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 3.ed. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
72. _____. **Metodologia do Trabalho Científico**; diretrizes para o trabalho didático-científico na Universidade. 6.ed. São Paulo, Cortez, 1982.
73. SHIREY, Donald. Critical Incident Technique. In: KENT, Allen; LANCOUR, Harold, ed. **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York, Marcel Dekker, 1971. v.6, p. 2286-91.
74. SOUZA, Aluísio José Maria de et alii. **Iniciação à Lógica e à Metodologia da Ciência**. São Paulo, Cultrix, 1976.
75. THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 1985.
76. TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Atlas, 1987.
77. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para Apresentação de Trabalhos**. 2.ed. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1992. 8v.
78. VAN DALEN, Deobold. B.; MEYER, William J. **Manual de técnica de la investigación educacional**. Barcelona, Ediciones Omega, 1971.
79. WEATHERALL, M. **Método Científico**. São Paulo, Editorial Universidade de São Paulo/ Editora Polígono, 1970.
80. WHITNEY, Frederick L. **Elementos de investigación**. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1963.
81. WITT, Aracy. **Metodologia da Pesquisa**; questionário e formulário. 2.ed. São Paulo, Resenha Tributária, 1973.
82. YOUNG, Pauline. **Métodos científicos de investigación social**. México, Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidad del Mexico, 1960.
83. ZETTERBERG, Hans. **Teoría y verificación en sociología**. Buenos Aires, Nueva Vision, 1973.